

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA  
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA**

*A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense*

**Sandra Siqueira de Macedo**

**Orientadora: Professora Doutora Adair Pimentel Palácio**

**Co-orientador: Professor Doutor Dermeval da Hora**

**Recife – 2004**

*A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense*

**Sandra Siqueira de Macedo**

Aprovada em 19 de abril de 2004

Examinadores:

---

Dra. Adair Pimentel Palácio  
(Orientadora)

---

Dra. Stella Telles

---

Dr. Aldir Santos de Paula

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Recife - 2004

*Desde antes e para sempre...*

A Eduardo e Rafael, razões de minha  
existência.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por ter-me concedido, especialmente nos momentos de maior turbulência, a tranqüilidade e a perseverança necessárias para concretização deste trabalho.

A minha querida orientadora, a Professora Dra. Adair Pimentel Palácio, pela paciência e precisão com que me conduziu pelas trilhas, muitas vezes confusas, desta pesquisa, ou para melhor dizer, desde a elaboração do pré-projeto, quando me submeti ao ingresso no programa de Mestrado desta Universidade. Como também pelos tantos momentos, ao longo do trabalho, em que muito mais a desorientei, com minhas dúvidas e conseqüentes bombardeios de perguntas. Muito mais que uma orientadora, uma amiga, sempre preocupada, não só com o andamento do trabalho acadêmico, mas também comigo como pessoa. Meus sinceros e profundos agradecimentos.

Ao Professor Dr. Dermeval da Hora, meu co-orientador, por tudo o que aprendi no pouco tempo em que estivemos juntos, mas sem o que não poderia ter concluído o presente trabalho e pela especial atenção com que sempre me atendeu.

A Maria da Piedade Moreira de Sá pelo enorme carinho e especial atenção que sempre me dispensou.

Ao NURC – Recife, na pessoa de sua coordenadora, a Professora Dra. Maria da Piedade Moreira de Sá pelo fornecimento dos inquéritos que constituem o *corpus* da presente pesquisa.

Ao meu querido José Ricardo Paes Barreto, a quem especialmente devo o meu ingresso no universo acadêmico, por sempre me ter orientado, mostrando-me quais caminhos seguir. Muito obrigada por acreditar em mim.

Ao professor José Sebastião de Santana pelo apoio incondicional dispensado, como também por ter colocado à minha disposição sua extensa biblioteca.

Aos professores que ministraram as disciplinas no decorrer do curso.

Aos que fazem a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística e aos que compõem o Núcleo de Estudos Indigenistas desta Universidade.

A Wellington Alves, por tudo o que representa para mim, por ter-se permitido iniciar no universo da Ciência Linguística, quando, tantas vezes foi meu interlocutor, sempre me incitando à resolução de questões das mais irresolúveis... e especialmente por suas intervenções filosóficas e poéticas... que tanto me ajudaram na realização deste trabalho. Muito obrigada pelo apoio e atenção dispensados, principalmente nos momentos mais difíceis, os quais sem a sua ajuda não teria conseguido superar.

A meus pais, a quem devo tudo o que sou.

A meus amados irmãos e sobrinhos pelo constante apoio e carinho.

A meus pequenos, Dudu e Rafinha, que tantas vezes tiveram que abdicar de minha presença não somente na elaboração do presente trabalho, como também no enorme 'corre-corre' que é a nossa vida.

A todos os meus amigos, especialmente a Beatriz e Eliane, pelo apoio e paciência a mim dispensados.

Aos meus colegas de turma pelo companheirismo de sempre.

A todos aqueles que, de alguma forma, colaboraram para a elaboração desse trabalho... meu muito obrigada!

## RESUMO

Este trabalho é constituído de um estudo do fenómeno da palatalização da fricativa alveolar em posição de coda silábica no falar culto recifense, sob a perspectiva da *Teoria da Variação Lingüística* e da representação fonológica não-linear.

Nosso *corpus* foi extraído de 12 inquéritos do tipo DID do Projeto NURC - Recife, aleatoriamente selecionados, totalizando aproximadamente 360 minutos, donde extraímos 5.369 ocorrências de /s/ em coda silábica em contexto intra e intervocabular. Das quais foram analisadas pormenorizadamente 3.911 que correspondem às realizações alveolar e palatal do fonema em questão.

Na análise, utilizando-nos do pacote computacional VARBRUL, procuramos detectar as variáveis lingüísticas e sociais que condicionam a aplicação do fenómeno. A representação fonológica baseia-se nos pressupostos da *Geometria dos Traços*. À luz da *Teoria Unificada dos Traços para consoantes e vogais*.

## ABSTRACT

This is a study of the palatalization of the alveolar fricative segment syllabic in coda in dialect spoken in Recife, under the focus of the *Linguistic Variation Theory* and non-linear phonological representation.

The *corpus* was extracted from twelve inquiries DID of the Project NURC – Recife, arbitrarily selected, making about 360 minutes. We found 5.369 occurrences of /s/ in coda position in internal and external word contexts. 3.911 alveolar and palatal occurrences were analyzed.

A VARBRUL computational programs were used trying to detect linguistic and social changes that affect the phenomenon. The phonological representation is based on the purposes of the *Feature Geometry*, in the light of the *Unified Theory of Features for Consonants and Vowels*.



## SUMÁRIO

Relação de Tabelas .....	i
Relação de Gráficos .....	ii
1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES .....	01
2. A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E A SOCIOLINGÜÍSTICA QUANTITATIVA .....	03
2.1- O Surgimento da Sociolingüística .....	03
2.2- A Teoria da Variação .....	03
2.3 – Variação Lingüística .....	06
2.3.1- Um recorte para uma breve explanação sobre a variável sexo.....	09
2.4- Mudança Lingüística .....	10
2.4.1- Tipos de mudanças .....	11
2.4.2- Mudança em curso e mudança concretizada .....	13
3. UMA VISÃO PANORÂMICA DA REALIDADE BRASILEIRA: ALVEOLAR X PALATAL .....	15
3.1- Alguns estudos sobre o fenômeno .....	15
3.2- Formulando nossas hipóteses.....	20
4. METODOLOGIA .....	22
4.1- Delimitação do Universo .....	22
4.2- Definição das Variáveis Implicadas .....	23
4.2.1- A Variável Dependente .....	23
4.2.2- As Variáveis Independentes .....	24
4.2.2.1- Variáveis Sociais .....	24
4.2.2.1.1- Sexo .....	24
4.2.2.1.2- Faixa etária .....	24
4.2.2.2- Variáveis Lingüísticas .....	25
4.2.2.2.1- Posição na sílaba .....	25

4.2.2.2.2- Categoria Gramatical .....	25
4.2.2.2.3- Contexto Fonológico Antecedente .....	26
4.2.2.2.4- Contexto Fonológico Seguinte .....	26
4.2.2.2.5- Tonicidade .....	27
4.2.2.2.6- Sonoridade .....	27
4.3- Codificação dos Dados .....	27
4.4- O Tratamento Estatístico .....	30
5. ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUISTICAS E SOCIAIS .....	34
5.1- A variável dependente .....	34
5.2- A palatalização .....	35
5.2.1- Variáveis Sociais .....	37
5.2.1.1- Sexo .....	37
5.2.1.2- Faixa Etária .....	38
5.2.2- Variáveis Lingüísticas .....	40
5.2.2.1- Contexto Fonológico Seguinte .....	40
5.2.2.2- Traço [voz] do segmento seguinte .....	41
5.2.2.3- Posição da sílaba.....	42
5.2.2.4- Tonicidade .....	43
5.2.2.5- Categoria Gramatical .....	44
5.2.2.6- Contexto Fonológico Antecedente .....	46
5.2.3- Cruzamento de algumas variáveis .....	47
5.2.3.1- Cruzamento sexo x faixa etária .....	48
5.2.3.2- Cruzamento posição da sílaba x contexto seguinte .....	49
5.2.3.3- Cruzamento posição da sílaba x traço de sonoridade do segmento seguinte .....	50
5.2.3.4- Cruzamento contexto fonológico seguinte x traço de sonoridade do segmento seguinte .....	51
6. AS FRICATIVAS ALVEOLARES E PALATAIS .....	52
6.1- Caracterização Fonética .....	52

6.2 – Caracterização Fonológica .....	54
6.2.1- Visão Estruturalista .....	54
6.2.2. Visão Gerativista .....	57
6.2.3 – Visão Autosegmental .....	65
6.3- A palatalização da fricativa alveolar numa perspectiva não-linear .....	69
6.3.1- Classificação dos segmentos .....	69
6.3.2- Princípios basilares .....	71
6.3.2.1- NCC – No-Crossing Constraint - Princípio de não-cruzamento de linhas de associação .....	71
6.3.2.2- OCP – Obligatory Contour Principle – Princípio do Contorno Obrigatório .....	72
6.3.2.3- LC – Linking Constraint – Restrição de Ligação .....	72
6.3.3- A representação palatal do segmento em estudo .....	73
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	77
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	80

## RELAÇÃO DE TABELAS

Tabela 01. Especificação dos informantes .....	23
Tabela 02. Especificação da codificação utilizada .....	27
Tabela 03. Codificação do vocábulo ‘escura’ .....	30
Tabela 04. Frequência global das variantes do /s/ em coda silábica .....	35
Tabela 05. Variáveis estatisticamente relevantes para a palatalização.....	36
Tabela 06. Variáveis estatisticamente não-relevantes para a palatalização.....	37
Tabela 07. Relevância da variável sexo para a realização palatal da coronal anterior .....	38
Tabela 08. Relevância da variável faixa etária para a palatalização da coronal anterior.....	39
Tabela 09. Relevância do contexto fonológico seguinte para a palatalização .....	41
Tabela 10. Relevância do traço [voz] do segmento seguinte para a palatalização .....	42
Tabela 11. Influência da variável posição no vocábulo para a palatalização.....	42
Tabela 12. Influência da tonicidade para a realização palatal .....	44
Tabela 13. Influência da variável categoria gramatical para a palatalização .....	45
Tabela 14. Influência da variável categoria gramatical (amalgamando a classe dos nomes) para a palatalização .....	46
Tabela 15. Relevância do contexto fonológico antecedente para a palatalização .....	47
Tabela 16. Consoantes Fricativas da Língua Portuguesa .....	52
Tabela 17. Alofonia do fonema / s / em final de sílaba intra e intervocálica (dialeto em que há palatalização) .....	57
Tabela 18. Resumo do sistema de Jakobson, Fant & Halle (1980) .....	58
Tabela 19. Resumo do sistema de traços de Chomsky & Halle (1968) .....	59
Tabela 20. Comparação entre os dois sistemas de traços .....	61
Tabela 21. Matriz de traços para as fricativas alveolares e palatais .....	63
Tabela 22. Escala de sonoridade .....	67

## RELAÇÃO DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Frequência global das variantes do /s/ em coda silábica .....	35
Gráfico 2. Produção palatal em posição de coda: sexo x faixa etária .....	48
Gráfico 3. Produção palatal em posição de coda: posição da sílaba x contexto fonológico seguinte .....	49
Gráfico 4. Produção palatal em posição de coda: posição da sílaba x traço [voz.] do segmento seguinte .....	50
Gráfico 5. Produção palatal em posição de coda: contexto fonológico seguinte x traço de sonoridade do segmento seguinte .....	51

## 1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Este trabalho constitui uma análise quantitativa das realizações do /s/ em coda silábica no falar culto recifense, enfocando principalmente o fenômeno da palatalização, num *corpus* constituído de doze inquéritos do tipo DID – Diálogo entre Informante e Documentador, extraídos do *corpus* do Projeto NURC<sup>1</sup>-Recife.

O estudo compreendido nesta pesquisa insere-se no arcabouço teórico da Sociolinguística Quantitativa Laboviana, com o principal objetivo de analisar estatisticamente as realizações palatais, apresentando uma descrição do conjunto de variáveis lingüísticas e extralingüísticas que influenciam a realização dessa variante, fazendo uma comparação com alguns dos principais estudos sobre o fonema /s/ em posição de coda silábica realizados no Brasil. Faremos também a representação da palatalização da fricativa alveolar em posição de coda silábica, à luz da Fonologia não-linear (Clements e Hume 1995).

Acreditamos constatar a supremacia da variante palatal, independente do contexto fonológico precedente ou seguinte, com exceção das vogais no contexto seguinte, pois nesse caso a variante favorecida é a coronal anterior sonora, havendo uma ressilabificação do segmento consonantal de coda, para a posição de *onset* da sílaba seguinte.

Partimos da hipótese de que existem algumas variáveis lingüísticas e sociais que favorecem a palatalização, embora não cheguem a condicionar o fenômeno, como o traço [-voz] do segmento seguinte e a posição medial, além das variáveis sociais, sexo e faixa etária, havendo um favorecimento do sexo feminino e da faixa etária mais jovem para a produção do fenômeno em questão.

O corpo do trabalho divide-se em cinco capítulos, iniciando-se com o

---

1- Projeto Norma Urbana Lingüística Culta, desenvolvido na década de setenta em cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

segundo capítulo que é dividido em quatro seções e intitula-se **A Variação Lingüística e a Sociolingüística Quantitativa**, no qual apresentamos o surgimento da Sociolingüística, algumas considerações fundamentais da Teoria da Variação; a variação lingüística e finalmente a questão da mudança lingüística.

As hipóteses que norteiam esta pesquisa estão apresentadas no capítulo terceiro, intitulado de **Uma visão panorâmica da realidade brasileira: alveolar x palatal**, no qual fazemos uma breve explanação de alguns dos mais recentes estudos sobre tal tema que contribuíram para a formulação de nossas hipóteses.

O quarto capítulo trata da metodologia por nós utilizada, partindo da delimitação do *corpus*, passando pela definição das variáveis implicadas e codificação dos dados e finalizando com uma apresentação do tratamento estatístico que será dado aos dados pelo pacote computacional VARBRUL, versão 1988, Pintzuk.

O quinto capítulo apresenta a análise dos resultados obtidos e a discussão quantitativa dos dados em geral, realizada pelo pacote computacional acima mencionado, destacando as variáveis lingüísticas e sociais selecionadas como mais relevantes pelo programa na realização da palatal.

No capítulo sexto, apresentamos uma caracterização fonética, como também fonológica das fricativas alveolares e palatais – percorrendo as visões estruturalista, gerativista e autosegmental, ou seja, da visão estruturalista presente em Câmara Jr. (1977) até a visão não-linear da Geometria dos Traços, delineada por Clements e Hume (1995) – e a representação do fenômeno da palatalização numa perspectiva não-linear.

Encerramos o presente trabalho, englobando as considerações finais, no qual retomaremos os aspectos fonológicos e sociais mais importantes envolvidos no favorecimento ou não da produção palatal no falar culto recifense. Bem como apresentando as referências bibliográficas que nortearam toda a pesquisa.

## **2. A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E A SOCIOLINGÜÍSTICA QUANTITATIVA**

### **2.1- O Surgimento da Sociolingüística**

O estudo de certas correlações sistemáticas entre língua e fatores sócio-culturais vinha sendo realizado há algum tempo, principalmente por antropólogos e sociólogos. Esses estudos estavam voltados às perspectivas conjuntas que os lingüistas e sociólogos mantinham a respeito de algumas questões sobre as influências da linguagem na sociedade ou vice-versa e sobre o contexto social da diversidade lingüística.

Em 1952, de acordo com Figueroa (1994, p.1), Harver Currie publicou um artigo intitulado “*Uma projeção sociolingüística: a relação do discurso nas classes sociais*”. Ele foi o primeiro a utilizar o termo e a sugerir a sociolingüística como uma disciplina independente.

Alguns anos se passaram e o termo sociolingüística, referente a uma área de estudos da lingüística, segundo Alkmin (2001, p.28), reapareceu em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles, 1964. A proposta de Bright (1974, p. 17) para a sociolingüística é que a mesma deve “demonstrar covariação sistemática das variações lingüística e social. Ou seja, relacionar a variações lingüísticas observáveis em uma comunidade e as diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade.”

### **2.2- A Teoria da Variação**

Concebendo a língua como um fenômeno estritamente social e eminentemente variável, surge na década de sessenta, a primeira proposta concreta para tratar a questão da variação e da mudança na língua desenvolvida por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (1998), um modelo teórico-metodológico a que se convencionou denominar *Teoria da Variação*, com o objetivo de desenvolver uma teoria



que pudesse descrever a língua e seus determinantes sociais e lingüísticos, bem como produzir uma teoria da mudança que acomodasse o uso variável da língua, cuja operação consiste em determinar as pressões internas e externas que condicionam a aplicação de uma determinada regra variável.

Para os autores, uma teoria da mudança deve estudar a maneira como uma estrutura lingüística é transformada no decorrer do tempo. A tarefa principal da *Teoria da variação* é descrever a variação existente na língua e provar sua sistematicidade, explicando as razões dessas variações e estabelecendo os contextos em que ela ocorre.

Esse modelo de análise surgiu como uma reação à consideração da língua como sendo homogênea e ao desprezo dado ao componente social na abordagem estruturalista e principalmente na gerativista.

É sem sombra de dúvidas a Labov que se deve a propagação da Sociolingüística, sendo ele o maior representante da corrente Sociolingüística denominada de Variacionista. Em 1963, Labov publica seu célebre trabalho centrado numa investigação que se tornou clássica sobre a comunidade da Ilha de Martha's Vineyard, no litoral de Massachusetts, em que analisa a centralização dos ditongos [ay] e [ow] do inglês relacionando-os a fatores sociais como: faixa etária, sexo, ocupação e etnia. Em 1966, publica "*The Social Stratification of English in The New York City*", obra em que estabelece um modelo de descrição e análise de fenômenos lingüísticos contextualizados em comunidades urbanas.

Para Labov, o objeto da lingüística é a gramática da comunidade de fala, o sistema de comunicação usado nas situações naturais de interação social, do tipo face a face. Em outros termos, é o uso espontâneo da língua, sem que se preste atenção ao como, tal qual nas situações de bate-papo, roda de amigos e caseiras, entre outras. Esse objeto é essencialmente heterogêneo em duas direções: comporta um grande número de variantes, estilos, dialetos e línguas usadas pelos falantes e não pode ser arbitrariamente retirado do nicho social em que é usado.

Segundo a concepção laboviana, a Sociolingüística visa a descrever a sistematicidade das variações observadas no uso lingüístico de um locutor ou de diversos locutores de uma comunidade. Ela tem, portanto, o mesmo objeto de estudo da lingüística teórica, a saber, a língua, mas a dimensão do sistema que lhe interessa, a variação, lhe vale a denominação de lingüística variacionista.

A metodologia variacionista opera com um modelo matemático, por considerar que um fenômeno lingüístico só pode ser seguramente descrito com base na observação de sua regularidade e de sua freqüência. Os procedimentos metodológicos variacionistas são utilizados tanto no levantamento do corpus quanto na análise dos dados.

O objetivo do pesquisador sociolingüista é inventariar, descrever, explicar e sistematizar os fenômenos lingüísticos variáveis numa dada comunidade lingüística. Essa sistematização consiste:

- no levantamento representativo dos fenômenos lingüísticos variáveis de uma comunidade;
- na descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem;
- no encaixamento da variável no sistema sociolingüístico da comunidade;
- na projeção histórica da variável no sistema sociolingüístico da comunidade (variação ou mudança?)

O ponto de partida dos estudos sociolingüísticos é a comunidade lingüística, ou seja, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e compartilham um conjunto de normas lingüísticas que as caracteriza. Correndo o risco de sermos demasiadamente simplistas, podemos dizer que o objeto de estudo da sociolingüística é o estudo da língua, observada, descrita e analisada em seu contexto social.

Inegavelmente, a diversidade é uma característica inerente às línguas, e o papel da sociolingüística é enfocá-la como objeto de estudo, em suas motivações

lingüísticas e extralingüísticas. Admitir e analisar a diversidade lingüística é reconhecer que a heterogeneidade pode ser sistematizada.

A língua falada é o veículo lingüístico de comunicação usado em contextos naturais de interação social. A modalidade oral da língua constitui o vernáculo, que é a expressão dos fatos e idéias sem a preocupação de como enunciá-los. Podemos afirmar que o vernáculo constitui o material básico para a análise sociolingüística.

Qualquer língua falada por qualquer comunidade exhibe sempre diversidade. Podemos até mesmo afirmar que nenhuma língua apresenta homogeneidade, isto significa que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades.

Portanto, podemos concluir que língua e variação são inseparáveis. A sociolingüística trata a diversidade lingüística não como um problema, mas como uma qualidade que constitui o fenômeno lingüístico. Pois, como afirmam Wenreich, Labov e Herzog (1998) a ausência de heterogeneidade numa língua é que seria disfuncional.

### **2.3 – Variação Lingüística**

Não é preciso ser especialista para admitir que nem sequer dois falantes de uma língua ou variedade dialetal se expressam exatamente do mesmo modo, seja em nível fonológico, morfológico ou sintático. Bem como um mesmo falante raramente se expressa da mesma maneira diante de situações distintas.

Ao analisar qualquer comunidade lingüística, a constatação mais instantânea a que se chega é a da existência da variação, ou seja, toda comunidade se caracteriza pelas diversas maneiras de falar, e esses diferentes modos de falar, pelas diversas características sociais. A esses diferentes modos de falar, a Sociolingüística dá o nome de *variantes lingüísticas*. Portanto, variante lingüística nada mais é do que várias

maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um agrupamento de variantes dá-se o nome de *variedade lingüística*.

Segundo Hora (2000, p.15) enquanto a variação lingüística não tem significado real em termos das representações formais da gramática, a regra variável é colocada como um aspecto formal da teoria lingüística que deve ser levado em consideração nas gramáticas das línguas.

As variantes lingüísticas de uma comunidade de fala encontram-se sempre em concorrência: padrão x não-padrão; prestigiada x estigmatizada; conservadora x inovadora. Geralmente a variedade padrão é ao mesmo tempo conservadora e goza de prestígio lingüístico na comunidade, enquanto que, quase sempre, as variedades inovadoras são tidas como não-padrão e estigmatizadas pela comunidade.

Nas comunidades lingüísticas, existe um constante duelo entre as variedades, o que não quer dizer que a 'vencedora' tenha que ser sempre a variedade padrão pelo fato de a mesma estar em comunhão com a norma culta. Em muitos casos, a variedade inovadora é 'vencedora'.

Como já foi dito, em qualquer comunidade de fala podemos observar a coexistência de um conjunto de variedades lingüísticas. Essa coexistência, entretanto, não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura de cada comunidade. Na vida social, há sempre uma escala de valores das variedades lingüísticas em uso, que reflete, obviamente, a hierarquia dos grupos sociais. Ou seja, em todas as comunidades existem variedades que são ditas como inferiores e outras como superiores. Afinal, no dizer de Gnerre (1991), o que vale na sociedade não é o que se fala e sim quem fala, refletindo o poder instituído pelas relações econômicas e sociais. Logo, uma variedade lingüística 'vale' o que 'valem', na sociedade, seus falantes.

A avaliação social das variedades lingüísticas é um fato observável em qualquer comunidade de fala. Chegamos, inclusive, a ouvir falar em 'línguas primitivas' e

outros absurdos dessa ordem, que sabemos não ter nenhum fundamento científico. Toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive. É completamente ilógico e absurdo afirmar que há línguas com vocabulário pobre ou sistemas gramaticais imperfeitos.

Do ponto de vista lingüístico não há línguas inferiores, bem como não existem variedades lingüísticas inferiores. Como vimos, as línguas são heterogêneas, e a variação observável em todas elas é o resultado de sua história e do seu presente. O que de fato podemos constatar é que os julgamentos sociais perante a língua não são baseados em critérios lingüísticos e, sim, em critérios políticos e sociais. Não é à toa, portanto, que se considera 'feia' a variedade de determinados falantes, de classe social baixa e com pouca escolaridade, quando da palatalização da oclusiva alveolar surda /t/, em palavras como 'oito' e 'coitado', entre outras. Por outro lado, essa palatalização é considerada perfeitamente natural em palavras como 'tia' e 'castigo', no falar carioca, que sabemos que é um dos dialetos mais prestigiados de nosso país. Em suma: o que está em julgamento não é a fala e, sim, o falante, e o fazemos em função de sua inserção na sociedade. As formas em variação adquirem valores em função do poder e da autoridade que os falantes detêm nas relações econômicas e culturais.

As diferenças lingüísticas são motivadas por diferenças de ordem socioeconômica, como nível de renda familiar, grau de escolaridade, de ordem sociobiológica, como faixa etária e sexo, de ocupação profissional, entre outros, sejam esses fatores isolados ou combinados entre si.

Apenas a título de exemplificação faremos algumas considerações acerca da variável social sexo.

### 2.3.1- Um recorte para uma breve explicação sobre a variável sexo

Existem várias investigações empíricas que comprovam que homens e mulheres não falam da mesma maneira. Além de diferenças como tom de voz e ritmo, há preferências quanto ao uso de determinados vocábulos, formas e estruturas sintáticas.

De maneira geral as mulheres têm sido consideradas mais conservadoras, ou seja, fazendo uso de maior número de variantes prestigiadas que os homens.

Vejam os alguns exemplos, segundo Monteiro (2000, p. 71-75) que ilustram as diferenças entre falantes do sexo feminino do sexo masculino, sendo característico do falar feminino:

- a duração das vogais, como recurso expressivo, como em “*maaaravilhoso*”;
- O emprego freqüente de diminutivos, especialmente em situações comunicativas que envolvem crianças.
- velocidade de fala;
- padrão entoacional mais alto no fim de enunciados;

Queremos ressaltar um estudo de Trudgill (1979, Apud Monteiro 2000, p. 73-74) em que ele demonstrou que no inglês falado na Inglaterra, as mulheres usam formas prestigiadas com maior freqüência que os homens. Trudgill explica os dados obtidos através das seguintes razões, que consideramos um tanto quanto preconceituosas:

- a- a posição subordinada das mulheres na sociedade exige delas tal comportamento para que assegurem, pelo menos, o seu status lingüístico;
- b- enquanto os homens podem ser avaliados socialmente pelo que fazem, as mulheres são avaliadas primeiramente pelo que apresentam.

O que temos é um reflexo da sociedade, e o que a mesma espera é que as mulheres utilizem uma linguagem mais elegante, polida e delicada, enquanto que tolera

dos homens uma linguagem rude, por vezes até grosseira e obscena. Talvez por isso os homens e as mulheres falem como falam, pois espontaneamente ou forçados por pressões sociais escolhem um tipo particular e mais adequado de linguagem.

Portanto, as diferenças lingüísticas devidas ao fator sexo surgem porque a língua como fenômeno social está intimamente relacionada a atitudes sociais. Os indivíduos são socialmente diversificados em função dos vários papéis sociais que a sociedade lhes impõe e das expectativas de padrões comportamentais que são criadas para cada um deles.

## **2.4- Mudança lingüística**

*“... we can learn about the mechanism of past sound changes by studying changes taking place around us”<sup>1</sup>*

(William Labov)

Ao debruçarmo-nos sobre esta questão devemos ter consciência de que, assim como as variáveis lingüísticas costumam ser condicionadas por fatores externos ao sistema, a interpretação da mudança não deve prescindir da análise das pressões sociais que a determinam.

Qualquer um de nós é perfeitamente capaz de perceber que a língua está sujeita não só a variações como também a mudanças. É comum uma pessoa idosa constatar que determinadas palavras e expressões que tanto utilizou em sua juventude desapareceram ou se transformaram, bem como um jovem pode perceber que certas marcas de seu falar são evitadas pelos mais velhos. Tudo isso faz parte de um quadro mais amplo de modificações que é o dos padrões sociais, ou seja, a mudança lingüística acompanha de perto a evolução da própria sociedade.

---

1. “... nós podemos compreender o mecanismo das mudanças fonéticas no passado, estudando as mudanças que ocorrem diante de nós. LABOV, 1994:156.

As mudanças, analisadas em função do social, têm caráter universal e não aleatório. Segundo Bram (1968, Apud Monteiro, 2000, p.109) elas ocorrem quando os falantes de uma dada região, estrato social ou nível intelectual sentem necessidade (involuntariamente ou não) de modificar alguma forma de expressão. Essas iniciativas podem ser imitadas, multiplicadas e, conseqüentemente, perpetuadas ou simplesmente ignoradas, muitas vezes tidas como modismos, e destinadas ao esquecimento. Entretanto, não devem ser vistas como aleatórias.

Apesar de a questão da mudança ser palpável, não é nada fácil saber como e por que a mesma ocorre. Por isso existem inúmeras hipóteses formuladas por lingüistas que discutem o assunto, sendo algumas bastantes atraentes outras até mesmo fantasiosas. Não nos cabe aqui detalhar sobre tais hipóteses, no entanto citamos algumas delas, Monteiro (2000, p. 111-119).

- influência do substrato;
- herança genética;
- influência climática;
- condicionamentos culturais;
- mudança de geração;
- hipótese funcional;
- hipótese intralingüística;
- difusão lexical;
- regularidade da mudança;
- teoria da inovação ativa;

#### **2.4.1- Tipos de mudanças**

Segundo Labov (1972a, p.123) as forças sociais que influenciam as formas lingüísticas são de duas espécies: as pressões que vêm de baixo (*change from below*) e as que vêm de cima (*change from above*).



As mudanças vindas de baixo são mudanças sistemáticas que aparecem primeiro no vernáculo e estão inteiramente abaixo do nível de consciência social. Ou melhor, ninguém as observa ou comenta sobre elas, até mesmo estudiosos da questão podem não se aperceber durante muito tempo. É aquela mudança que ocorre de modo inconsciente, geralmente, introduzida pelas classes sociais mais baixas, o que não impede de que a inovação venha através de classes sociais mais elevadas, isto ocorre porque o número de falantes das classes menos favorecidas é bem maior que o das favorecidas, daí a maior representatividade. Desta forma, de acordo com Labov, as mudanças vindas de baixo começam a ocorrer com a generalização de uma determinada forma lingüística num grupo social. Podemos considerar um exemplo de mudança vinda de baixo ocorrida aqui no Brasil, segundo Callou et al (1998, p.70), o apagamento do 'R' final que caracteriza hoje uma variação estável, mas que antes já foi marca do falar de usuários com baixo nível de escolaridade ou de baixa renda.

As mudanças vindas de cima são introduzidas pela classe social dominante, geralmente com nível pleno de consciência. Na verdade são empréstimos de outros falares, considerados de prestígio.

Para compreendermos as causas de uma mudança, vinda de cima ou de baixo, é preciso saber em que classe social ela se originou, como se difundiu para outros grupos e quais grupos ofereceram resistência à mesma. Logo, para o seu estudo é preciso que consideremos todos os fatores condicionantes, sejam de ordem lingüística ou de natureza social.

Weinreich, Labov e Herzog (1998, p.96) sugerem que uma mudança lingüística acontece quando uma variante se generaliza em um subgrupo de uma comunidade de fala assume a direção e toma o caráter de diferenciação ordenada; o progresso da mudança está associado à aprovação dos valores de um grupo pelos membros de outro.

#### **2.4.2- Mudança em curso e mudança concretizada**

As mudanças lingüísticas não ocorrem de um dia para o outro, vêm sempre precedidas de uma etapa de variação em que convivem formas rivais. Na primeira etapa de um processo de mudança, as formas conservadoras raramente são expostas às formas inovadoras. O contato entre falantes favorece a expansão das formas inovadoras, atingindo, então, as conservadoras. A realização da mudança ocorre quando uma variante se sobrepõe à outra. Para entendermos o processo da mudança lingüística em progresso faz-se necessário traçar estudos ancorados na estratificação da amostra em tempo aparente e em tempo real.

O método mais adequado para se estudar uma mudança lingüística em curso seria investigar uma dada comunidade lingüística e retornar a ela uns vinte ou trinta anos mais tarde para realizar uma nova pesquisa. Desta forma estar-se-ia estudando a mudança em tempo real. No entanto, este é um método desvantajoso pelo tempo que se levaria para chegar às conclusões finais. Vale salientar também que nem sempre se pode garantir sucesso nessa volta do pesquisador à comunidade, pois o mesmo pode não mais encontrar os mesmos informantes que podem ter se mudado ou morrido.

Uma alternativa mais imediata é, ao invés disso, investigar a mudança em tempo aparente. Consistiria, tal tarefa, em escolher uma dada comunidade para o estudo e comparar a fala de pessoas idosas com a de jovens, admitindo que as diferenças entre elas são o resultado de uma mudança lingüística. O tempo aparente refere-se então à distribuição do comportamento lingüístico em grupos etários num dado momento. Deve-se ter cuidado com a utilização desse método, pois as diferenças podem não estar apenas atreladas à faixa etária e ter outros fatores condicionantes, como nível de escolaridade ou estratificação social.

O estudo da mudança relaciona-se ao aspecto diacrônico da língua. Existem dois métodos básicos de se investigar um fenômeno de mudança em tempo real. O mais simples e eficiente é procurar textos que no passado registrem as variantes em estudo

e compará-las com os novos registros. O outro método consiste, como já afirmamos, no retorno do pesquisador à comunidade, muito tempo depois, repetindo o mesmo estudo a fim de fazer novas gravações.

Para concluir, convém lembrar a distinção proposta por Labov (1972a): algumas variáveis se revelam como verdadeiros *estereótipos*, constituindo tópicos de comentário social; outras não têm o mesmo nível de consciência social, mas revelam uma consistente valoração social categorizando-se como *marcadores*; outras, por fim, não são sequer comentadas ou reconhecidas pelos falantes nativos, definindo-se como meros *indicadores*.

Convém lembrar, ainda, que nem sempre a variabilidade existente na língua se expande, produzindo mudanças: nem toda variabilidade e heterogeneidade da língua envolvem mudança, no entanto toda mudança pressupõe variabilidade e heterogeneidade (Weinreich, Labov e Herzog, 1998).

É também interessante distinguir variação de mudança lingüística, a primeira é o que nós podemos efetivamente observar num dado momento numa determinada língua, a variação lingüística constitui-se de variantes lingüísticas que duelam entre si que por sua vez constituem as variedades lingüísticas, enquanto que a mudança lingüística decorre justamente depois de terminado o duelo, ou seja, a realização da mudança se dá exatamente quando uma variante se sobrepõe à outra.

### **3. UMA VISÃO PANORÂMICA DA REALIDADE BRASILEIRA: ALVEOLAR X PALATAL**

#### **3.1- Alguns estudos sobre o fenômeno**

A fim de verificarmos a distribuição das variantes coronais em estudo no Português do Brasil, apresentaremos neste capítulo uma síntese de alguns dos mais recentes estudos sobre o fenômeno, partindo de um estudo comparativo com os dados do Projeto NURC, envolvendo as cinco capitais que o compõem, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, realizado por Callou & Moraes (1996), seguindo com a apresentação dos trabalhos de Gryner & Macedo (1981) sobre a comunidade rural de Cordeiro, situada na fronteira do Rio de Janeiro com Minas Gerais; Scherre e Macedo (1989), também sobre a cidade do Rio de Janeiro e Furlan (1982) sobre o falar catarinense, sendo os três últimos Apud Brescancini, 1996; Brescancini (1996) sobre o falar de Florianópolis; Corrêa (1998, Apud Hora, 2000) sobre o falar brasiliense; Pessoa (1986) sobre a capital do Rio Grande do Norte; Canovas (1996) sobre o falar de Salvador; Mota (2002b) também sobre o falar de Salvador ; concluindo com o de Hora (2000), sobre o falar de João Pessoa.

Callou & Moraes (1996) analisaram, segundo a metodologia quantitativa laboviana (Sankoff 1988), trinta inquéritos do tipo DID – Diálogo entre Informante e Documentador – do *corpus* do Projeto NURC/Brasil, sendo seis de cada cidade, divididos em três faixas etárias, I- de 25 a 35 anos, II- de 36 a 55 anos e III- a partir de 56 anos, levando em consideração ainda o sexo do informante. Os autores obtiveram o seguinte resultado, quanto à distribuição geográfica do fenômeno: São Paulo e Porto Alegre apresentam uma certa homogeneidade na produção deste fenômeno, com predomínio quase absoluto da realização alveolar. No Rio de Janeiro predomina a realização palatal (82.5%). No Recife há uma semelhança com o Rio de Janeiro, embora com percentual mais baixo de palatalização (69.5%). Por sua vez, Salvador apresenta um certo equilíbrio na produção das

variantes (45% de alveolar e 44% de palatal). Apontando ainda este estudo para uma tendência constante à palatalização em contexto fonológico medial<sup>1</sup>.

Gryner & Macedo (1981, Apud Brescancini, 1996) analisaram uma amostra composta por 22 informantes, da comunidade de Cordeiro, de ambos os sexos, distribuídos por três faixas etárias, I- de 13 a 30 anos, II- de 31 a 50 anos e III- a partir de 51 anos, divididos em três classes sociais, baixa, média-baixa e média-alta, ainda levando em conta três níveis de escolaridade, primário, secundário e universitário. Dentre as variáveis em estudo, as relevantes estatisticamente foram o contexto fonológico seguinte, bem como o precedente, a sonoridade e a tonicidade. Quanto ao contexto seguinte, aponta para uma maior incidência de palatalização diante de consoantes caracterizadas pelos traços [+ coronal] e [- vozeada] em sílaba tônica. O contexto precedente apresenta um pequeno favorecimento das vogais altas para o processo de palatalização. Com relação aos fatores extralingüísticos, os universitários, tidos como representantes da classe média-alta, e os mais jovens são os que apresentam um maior índice de palatalização, sendo a variável sexo não-relevante estatisticamente.

Scherre & Macedo (1989, Apud Brescancini, 1996), levando em consideração o sexo, três faixas etárias, I- de 7 a 14 anos, II- de 15 a 25 anos e III- de 47 a 70 anos, bem como nível de escolaridade, primário, ginásio e segundo grau, analisaram numa amostra *Censo*, composta por 18 falantes. As variáveis lingüísticas consideradas foram o contexto precedente e seguinte, a sonoridade, a posição, a tonicidade e o tipo de item lexical. Constataram uma predominância das variantes palatais (62%), seguidas das alveolares (22%), apresentando-se também as variantes zero fonético (9%) e a aspirada glotal (7%). Entre os grupos de fatores mais relevantes, selecionados pelo programa VARBRUL, está a Posição da sílaba, com maior incidência de palatalização em posição medial. Quanto ao contexto seguinte mais propício para a ocorrência da palatalização apontam as consoantes surdas [p, f, t, k]. O contexto precedente e a sonoridade não foram selecionados como estatisticamente relevantes. Na análise da variável tipo de item lexical, os verbos e os nomes próprios surgem como os que mais apresentam casos de

---

1. O contexto fonológico medial, neste trabalho referido, é o ocupado pelo /s/ em posição de coda dentro da palavra.

palatalização, seguidos pelos substantivos, numerais e adjetivos, sendo os itens que menos apresentam ocorrência de palatalização a conjunção ‘mas’ e o advérbio ‘mais’, além de ‘mesmo’ que se insere também entre os itens que mais apresentam o apagamento. Quanto aos fatores sociais, os grupos que lideram o uso da palatalização são mulheres, menos escolarizados e mais jovens, fato que aponta para um fortalecimento desta pronúncia no Rio de Janeiro.

No falar catarinense, Furlan (1982, Apud Brescancini, 1996 ) detecta a predominância (78,7%) da variante palatal. Dividindo a área em três regiões – falar do norte, falar central e falar do sul, atribui a pronúncia palatal ao falar central. No que se refere às variáveis lingüísticas, o autor seleciona o contexto seguinte e a posição como influentes na produção da palatal. Sendo a posição final absoluta favorecedora da palatalização (89,9%). Embora não tenha quantificado os dados, quanto ao contexto seguinte, observou o favorecimento da realização palatal diante das consoantes surdas [p, t, k, f]. O autor não se aprofunda em fatores sociais, afirmando apenas que tanto a pronúncia palatal quanto a alveolar são prestigiosas.

Brescancini (1996), em seu estudo sobre o falar de Florianópolis, concluiu que a variante palatal é a campeã (61%), seguida pela coronal anterior (32%), sendo as realizações menos frequentes o zero fonético (8%) e a aspiração (1%). Em relação às variáveis lingüísticas que mais favorecem a realização palatal estão o traço [- voz] do segmento seguinte; a tonicidade, os contextos tônicos e pré-tônicos; a posição medial; os itens lexicais ‘outros numerais’ e ‘substantivos’; o contexto precedente vogais labiais e coronais; o contexto seguinte consoantes dorsais. As variáveis extralingüísticas propiciadoras da palatalização são o sexo feminino; os falantes com maior grau de interação sócio-cultural; os falantes com menor nível de instrução (0-4 anos de estudo) e os informantes mais jovens que apresentam incidência um pouco maior.

Analisando o falar de Brasília, Corrêa (1998, Apud Hora, 2000) obteve como resultado 97% das realizações para as alveolares, 2% para a aspirada e 1% para zero fonético. Conforme a autora algumas produções palatalizadas encontradas foram

idiossincrasias na fala de dois falantes, concluindo que a variante alveolar é praticamente categórica entre os brasilienses ali nascidos (41% da população atual do Distrito Federal).

Pessoa (1986), num estudo sobre o falar de Natal, embora num *corpus* muito pequeno, constituído de quatro informantes mulheres, na faixa etária de 20 a 25 anos, pertencentes a dois níveis sócio-culturais: duas universitárias de classe média-alta e duas mulheres semi-alfabetizadas, a autora concluiu que a realização mais geral é a da fricativa alveolar, sendo até mesmo a única a ocorrer em determinados contextos, afirmando ainda que a palatalização é uma regra variável que parece avançar nos contextos que a favorecem, medial seguido das coronais [ t, d ] e final<sup>2</sup> seguido das coronais [ t, d, n, l ], especialmente na fala das informantes de nível sócio-cultural mais baixo.

Sobre a fala de Salvador apresentaremos os resultados de dois estudos, sendo o primeiro o realizado por Canovas (1996) que analisou 3.547 ocorrências da fala de 45 informantes, levando em consideração as variáveis sociais sexo, faixa etária – I- de 13 a 20 anos, II- de 21 a 45 anos e III- de 46 a 70 anos – e nível de escolaridade – 1º, 2º e 3º graus. A autora constatou um domínio da realização alveolar em quase todos os contextos, com exceção dos contextos seguintes, labial [ m ] e coronal [ l ], que propiciaram a realização da aspirada. A palatalização obteve o maior índice (47.72%) diante da coronal surda [ t ], no entanto não superando a fricativa alveolar (50.45%). Também quanto às variáveis sociais, houve uma maior ocorrência da fricativa alveolar, nos três níveis de escolaridade, bem como nas três faixas etárias.

O estudo realizado por Mota (2002b), também em Salvador, que analisou um *corpus* de 15.000 ocorrências, resultantes de uma amostra de 50 informantes – 32 da década de 70, *corpus* do Projeto NURC, e 18, na década de 90, do Projeto de Estudo da Variação em Tempo Real (PROVAR) - constata que levando em consideração os pesos relativos fornecidos pelo pacote VARBRUL a ocorrência das palatais é favorecida

---

2. O contexto fonológico final, neste trabalho referido, é o ocupado pelo /s/ em posição de coda no final da palavra.

principalmente pela posição do segmento no vocábulo e pelo contexto fonológico seguinte. A posição medial é a que apresenta pesos relativos mais elevados – 0,60 na década de 70 e 0,72 na década de 90. Quanto ao segmento seguinte, os que mais propiciam a realização palatal são as coronais [t, d]. Considerando os tipos de interação, na amostra de 70 – Elocução Formal (EF) e Diálogo entre Informante e Documentador (DID) – comprova-se peso relativo mais alto nas Efs (0,55) que nos DIDs (0,44), o que atribuiria um maior prestígio à realização palatal. Em relação à faixa etária, há diferenças nas duas amostras, revelando modificação no comportamento lingüístico dos soteropolitanos entre as duas épocas em questão. Na amostra de 70, observa-se 0,64 de peso relativo para a 1ª faixa, de 0,51 para a 2ª faixa e de 0,34 para a 3ª faixa. No entanto, na amostra de 90, a 1ª faixa etária apresenta um peso relativo de 0,35, predominando o uso da variante alveolar; na 2ª faixa etária documenta-se o peso relativo mais elevado (0,66) que reflete, segundo a autora, a preferência pela palatalização pela 1ª faixa na década de 70, que desde mais jovens utilizam a variante palatal inovadora; por fim, na 3ª faixa etária verifica-se um peso relativo de 0,50.

Segundo Hora (2000), a produção palatal em João Pessoa é condicionada pelo contexto fonológico seguinte: o das coronais [t, d], com peso relativo de .86 ao contrário dos contextos seguintes dorsal (.01) e labial (.00). Outras variáveis estruturais foram selecionadas, como a de categoria gramatical, concluindo-se nesta variável que a categoria verbo é a que mais favorece a palatalização; outra é a de tamanho do vocábulo, o autor afirma que os vocábulos de duas sílabas são os que favorecem a aplicação da regra, afirmando ainda que, quanto maior o número de sílabas, menor a probabilidade de aplicação da regra. Quanto às restrições sociais temos o seguinte: a 1ª (15 a 25 anos) e 3ª (+ de 49) faixas inibem a palatalização, enquanto que a 2ª faixa (26 a 49 anos) favorece-a; em relação ao nível de escolaridade constata-se que quanto maior o grau de escolaridade, menor a probabilidade de produção das palatais.

Num estudo sobre avaliação subjetiva no falar de João Pessoa, Hora (1995, Apud Hora 2000) constatou que o falante pessoense discrimina abertamente a produção ‘chiada’, preferindo a produção alveolar. Logo, o fato de os universitários usarem



menos a fricativa sonora palatalizada pode estar relacionado à consciência de essa forma ser mais estigmatizada nessa comunidade.

### **3.2- Formulando nossas hipóteses**

Após esta breve explanação sobre os resultados de algumas das mais recentes pesquisas no Brasil sobre o fenômeno da palatalização da fricativa alveolar em coda silábica, passamos a comentar os resultados que esperamos encontrar, ou seja, nossas mais fortes hipóteses.

Adotaremos um único conjunto de traços para caracterização do ponto de articulação de segmentos consonantais e vocálicos, baseando-nos para tanto em Clements (1990, Apud Clements e Hume, 1995).

Acreditamos ser a realização palatal a campeã, independente do contexto fonológico precedente ou seguinte, com exceção da consoante em fim de palavra seguida por vogal, pois nesse caso a variante favorecida é a coronal anterior sonora, havendo uma ressilabificação da consoante.

Em relação à sonoridade da consoante seguinte esperamos comprovar a tendência geral dos trabalhos expostos acima que aponta as consoantes surdas como favorecedoras da palatalização do / s / em coda silábica.

A posição medial foi considerada, em quase todos os trabalhos, como condicionadora do fenômeno, fato que pretendemos considerar em nossa análise.

Acreditamos que a tonicidade não seja condicionadora do fenômeno, no entanto, até por uma questão de comparação com os outros trabalhos, testaremos essa variável.

Analisaremos a categoria gramatical dos itens em que ocorre a palatalização esperando encontrar maior incidência entre os nomes e os verbos.

Além dessas variáveis lingüísticas, consideraremos também duas variáveis sociais. Quanto à variável sexo, nossa hipótese é a de que a maior incidência seja entre as mulheres, partindo dos resultados obtidos em vários estudos que consideram que o falar feminino tem o predomínio de variantes prestigiadas, e, conforme sabemos, a palatalização é uma variante de prestígio em falar recifense.

Acreditamos ser na faixa etária mais jovem a maior incidência de palatalização, afinal, inúmeros estudos, demonstram que a forma inovadora predomina entre falantes mais jovens.

Sendo assim, cruzando as variáveis lingüísticas com as extralingüísticas, descreveremos os elementos condicionadores, favoráveis ou desfavoráveis, da realização palatal, que acreditamos ser marca do falar recifense.

## 4. METODOLOGIA

### 4.1- Delimitação do Universo

O material lingüístico aqui analisado foi extraído do *corpus* do Projeto NURC Recife.

As gravações do Projeto NURC-Recife ocorreram entre os anos de 1974 e 1987 e constituem um *corpus* com 346 inquéritos<sup>1</sup> com 417 informantes e 290 horas de gravação, divididos em três modalidades, a saber: Elocuções Formais (EFs) com aulas e conferências; Diálogo entre dois Informantes (D2) e Diálogo entre Informante e Documentador (DID). Os doze informantes que compõem esse *corpus* são todos recifenses, filhos de recifenses, todos com nível universitário, homens e mulheres, divididos em três faixas etárias distintas: I- de 25 a 35 anos, II- de 36 a 55 anos e III- a partir de 56 anos.

Nossa amostra, extraída de 12 inquéritos do tipo DID, aleatoriamente selecionados, totaliza aproximadamente 360 minutos, o correspondente a 30 min. de gravação de cada informante, totalizando 5.369 ocorrências de /s/ em coda silábica em contexto intra e intervocabular. Destas foram analisadas pormenorizadamente 3.911 que correspondem apenas às realizações alveolar e palatal, excluindo-se o zero fonético, que corresponderam à apenas 1% do total analisado e a aspiração, 7%, por não terem apresentado número significativo para a análise. Também excluimos as ocorrências referentes ao /s/ de coda em posição intervocabular seguido de um segmento vocálico, pois nesse contexto não mais teríamos um /s/ de coda silábica e sim um /z/ representando ocupando a posição de *onset* da sílaba posterior, num caso típico de ressilabificação.

---

1. Os inquéritos estão assim distribuídos: 191 horas (66%) do tipo DID (238 inquéritos); 75 horas (28%) do tipo D2 (41 inquéritos); 24 horas (8%) do tipo EF (37 inquéritos).

Conforme melhor explicita a tabela que se segue, os nossos doze informantes, 50% homens e 50% mulheres, estão distribuídos nas três faixas etárias mencionadas.

Tabela 01. Especificação dos informantes<sup>2</sup>

<b>INFORMANTE</b>	<b>SEXO</b>	<b>FAIXA ETÁRIA</b>
150	F	I
108	F	I
004	M	I
021	M	I
078	F	II
006	F	II
099	M	II
131	M	II
191	F	III
156	F	III
216	M	III
145	M	III

## **4.2- Definição das Variáveis Implicadas**

### **4.2.1- A Variável Dependente**

Em posição de coda silábica, inter ou intravocabular, o /s/ pode realizar-se como:

- alveolar surda – pa[s]tel, mê[s]

---

2. O Informante é aqui identificado sob o número do inquérito ao qual pertence nos arquivos do Projeto NURC-Recife.

- alveolar sonora – me[z]mo, pé[z]descalços
- palatal surda – pa[ʃ]tel, me[ʃ]
- palatal sonora – me[ʒ]mo, pé[ʒ]descalços
- fricativa glotal - me[h]mo
- zero fonético – me[∅]mo

Neste estudo analisaremos globalmente todas as variáveis dependentes, com a finalidade de verificar a frequência delas no falar culto recifense. Entretanto, restringir-nos-emos ao estudo do condicionamento lingüístico e social da variante palatal.

## **4.2.2- As Variáveis Independentes**

### **4.2.2.1- Variáveis Sociais**

#### **4.2.2.1.1- Sexo**

Acreditamos na relevância desta variável na presente pesquisa, no sentido de que o sexo feminino é favorecedor da realização palatal.

#### **4.2.2.1.2- Faixa etária**

Segundo a metodologia do Projeto NURC, assim procede-se nossa divisão:

- I- de 25 a 35 anos;
- II- de 36 a 55 anos;
- III- acima de 56 anos.

Acreditamos que é entre os mais jovens que se encontra o maior índice de palatalização.

#### **4.2.2.2- Variáveis Lingüísticas**

##### **4.2.2.2.1- Posição da sílaba**

Engloba as posições que o / s / em posição de coda silábica pode assumir: intra ou intervocabular. No presente trabalho, partimos do pressuposto de que o contexto intravocabular é favorecedor da produção palatal.

##### **4.2.2.2.2- Categoria Gramatical**

- Substantivo;
- Adjetivo;
- Verbo;
- Outras.

Esperamos encontrar maior incidência de palatalização nas categorias gramaticais verbo e nome.

#### **4.2.2.2.3- Contexto Fonológico Antecedente**

Com base na teoria unificada dos traços para vogais e consoante, apresentada no Capítulo 6, consideramos as seguintes classes naturais em contexto antecedente, sendo que acreditamos que a produção da palatal é superior, independente do contexto fonológico antecedente.

- Vogais e aproximante labiais [ɔ, o, u, w]
  
- Vogais e aproximante coronais [e, e, i, y]
  
- Vogal dorsal [a]
  
- Nasal [N]

#### **4.2.2.2.4- Contexto Fonológico Seguinte**

Assim como o determinado para o contexto antecedente, assumimos os mesmos pontos de articulação para a produção de consoantes e vogais, deixando os traços vocálicos sob a denominação genérica de vogais. Também acreditamos na supremacia da realização palatal, independentemente do contexto fonológico.

- Coronais [t, d, n, l]
  
- Labiais [p, b, m, f, v]
  
- Dorsais [k, g, h]
  
- Zero fonético – ausência de contexto seguinte.

#### 4.2.2.2.5- Tonicidade

Consideramos a tonicidade da sílaba onde se encontra o segmento em estudo, classificando-as apenas em átonas e tônicas.

#### 4.2.2.2.6- Sonoridade

Analisamos a questão da sonoridade do segmento seguinte, acreditando que o traço [-voz] do segmento seguinte é favorecedor da produção palatal.

- [-voz] fes[t]a
- [+voz] ras[g]a
- Zero – contexto final absoluto

### 4.3- Codificação dos Dados

As ocorrências, num total de 5.369, foram todas codificadas, considerando as variáveis especificadas em 4.2, para que os dados pudessem ser submetidos à análise do pacote computacional VARBRUL. Segue-se agora uma especificação da codificação utilizada e em seguida uma amostra da codificação para o vocábulo ‘escura’

Tabela 02- Especificação da codificação utilizada

Variável dependente	
Fator	Valor
s	1
z	2



ʃ	3
ʒ	4
h	5
Ø	6
<b>Variáveis Independentes</b>	
<b>Sexo</b>	
Masculino	m
Feminino	f
<b>Faixa Etária</b>	
1ª faixa	J
2ª faixa	a
3ª faixa	i
<b>Informante</b>	
150	a
108	b
004	c
021	d
078	k
006	f
099	g
131	h
191	i
156	j
216	l
145	m
<b>Posição da sílaba</b>	
Medial	i
Final	e

<b>Categoria Gramatical</b>	
Substantivo	s
Adjetivo	a
Verbo	v
Outras	o
<b>Contexto fonológico antecedente</b>	
Vogais coronais	c
Vogais labiais	l
Vogal dorsal	d
Nasal	n
<b>Contexto fonológico seguinte</b>	
Coronal anterior	c
Labial	l
Dorsal	d
Vogal	v
Ausência	#
<b>Tonicidade</b>	
Átona	a
Tônica	t
<b>Traço de sonoridade do segmento seguinte</b>	
Desvozeado	d
Vozeado	v
Ausência de segmento	0

A sintaxe dos dados para entrada no pacote computacional utilizado, dá-se na codificação em forma horizontal, considerando todos os fatores especificados na tabela anterior e seguindo a ordem da referida tabela, seguida da respectiva ocorrência. Para melhor compreensão apresentamos a tabela 10 que contém a codificação do vocábulo ‘escura’, tal qual realizada pelo informante de n.º 150.

Tabela 03- Codificação do vocábulo ‘escura’

CODIFICAÇÃO	OCORRÊNCIA
3fjaiacdad	[i j ‘kura]

Assim, temos que na realização da palavra ‘escura’, houve palatalização (3); o informante é do sexo feminino (f); pertence a 2ª faixa etária (j); é o informante de n.º 150 (a); o segmento está em posição intravocabular (i); pertence a categoria gramatical dos adjetivos (a); tem no contexto fonológico antecedente uma vogal coronal (c); tem no contexto fonológico seguinte uma consoante dorsal (d); ocorre numa sílaba átona (a) e o segmento seguinte é desvozeado (d).

#### 4.4- O Tratamento Estatístico

Na intenção de propiciar uma análise estatística para o material lingüístico coletado na nossa pesquisa, utilizamos o conjunto de programas do pacote computacional VARBRUL em sua versão de Pintzuk, 1988. A função desse pacote é verificar a possibilidade de ocorrência de cada variável independente e apresentar uma seleção estatística dos diversos grupos de fatores analisados.

Os programas que compõem o pacote VARBRUL, em sua versão 1988 com os implementos introduzidos em 1992, podem ser distribuídos em três principais grupos : os que preparam os dados para a performance do algoritmo – CHECKTOK, READTOK E MAKE3000; o que realiza o algoritmo – VARB2000 e os que efetuam tarefas de apoio – TSORT, TEXTSORT E CROSS3000. Descreveremos brevemente cada um dos programas, baseando-nos para tanto em BRESCANCINI (2002), para um melhor entendimento do pacote em questão deve-se consultar a referida obra, a qual trata detalhadamente o VARBRUL2S.

Para a utilização do primeiro programa, o CHECKTOK, é necessária a criação prévia de dois arquivos: o arquivo de especificação, no qual o pesquisador define os símbolos que representam os fatores da variável dependente e das variáveis independentes, e o arquivo de dados que contém todas as ocorrências a serem analisadas, devidamente acompanhadas de sua correspondente codificação. O CHECKTOK faz a checagem entre os símbolos digitados no arquivo de dados e aqueles discriminados no arquivo de especificação. Caso algum símbolo não esteja de acordo com o arquivo de especificação, o programa detecta o erro e identifica-o, devendo o pesquisador corrigi-lo. Corrigidos os erros o programa CHECKTOK deve ser novamente rodado a fim de que se crie o arquivo corrigido, fonte de alimentação para execução para o próximo programa – READTOK.

A função do READTOK é ler todas as cadeias do arquivo corrigido e escrevê-las em um arquivo de ocorrências, sendo eliminada nessa fase qualquer informação que não seja relacionada aos símbolos necessários à identificação do ambiente da regra variável, por exemplo, os parêntesis iniciais das cadeias de codificação, as transcrições das ocorrências, etc. é exatamente esse arquivo que servirá de entrada para o MAKE3000.

Antes, portanto, da execução do terceiro e último programa de preparação dos dados, é necessária a criação de um outro arquivo, denominado arquivo de condições. Nesse arquivo, especifica-se o grupo de fatores que contém a variável dependente e os grupos de fatores que possuem as variáveis independentes. No arquivo de condições é possível fazer recodificações, selecionar e modificar as cadeias de codificação usadas para construir as células, sem alterar os dados do arquivo de ocorrência. É através do arquivo de condições que o pesquisador informa ao programa como quer seus dados analisados, ou seja, quais grupos de fatores devem ser considerados, quais os grupos de fatores devem ser reunidos em um único, quais grupos devem ser cruzados, etc.

O arquivo gerado – o arquivo de células – fornece os percentuais de aplicação da regra para cada fator de cada variável considerada no arquivo de condições, matéria-prima para o cálculo dos pesos relativos dos fatores.

Preparados os dados, o pesquisador deve fazer sua opção de escolha do programa que gerará as probabilidades para os grupos de fatores. Se a variável dependente for enéaria, ou seja se houver mais de duas variáveis dependentes, o pesquisador obterá probabilidades para todos os fatores em relação a cada uma das variantes, selecionando para tanto o TVARB para três variantes ou o MVARB para quatro ou cinco variantes. Caso a variável dependente seja binária, o programa utilizado deve ser o VARB2000. O produto final do processamento desses programas é um arquivo de dados com os resultados da análise da regra variável em estudo, conhecido entre os pesquisadores da área como *rodada*. Podemos dividi-la em três seções: identificação do objetivo da rodada e informações sobre os dados analisados; análise unidimensional e análise multidimensional.

Temos ainda o que se denomina de programas de apoio, os quais não contribuem para o processamento dos pesos relativos dos grupos de fatores, mas executam importantes atividades na busca de codificações específicas e na conferência dos dados.

Tanto o TEXTSORT quanto o TSORT recebem como entrada o arquivo de dados ou o arquivo corrigido. O TEXTSORT realiza a busca do que foi codificado após a cadeia de codificação, ou seja, copia para um outro arquivo todas as ocorrências que foram digitadas exatamente da forma que o pesquisador solicita. Já o TSORT efetua a procura de uma ou mais codificações específicas na cadeia de codificação, permitindo assim que se crie um arquivo com apenas os dados que o pesquisador deseja, eliminando todos os outros.

O último programa de apoio em discussão – o CROSS3000 – recebe como entrada o arquivo de células gerado pelo MAKE3000 e produz um arquivo contendo o cruzamento entre duas variáveis independentes, previamente selecionadas pelo pesquisador. Para cada uma das células geradas pelo cruzamento, o programa oferece um valor percentual que expressa a relação entre o total de ocorrências do ambiente definido na amostra pelos fatores em questão de cada uma das variáveis e o número de casos em que houve aplicação da regra.

Sabemos que uma interpretação cuidadosa dos pesos relativos assumidos pelos fatores muito contribui para o melhor entendimento de uma regra variável. Afinal, os estudos quantitativos dão informação sobre a estrutura lingüística de uma determinada variável em uso numa dada comunidade de fala, uma vez que fornece ao pesquisador a freqüência das variantes em estudo estatisticamente válida sobre a influência de um fator lingüístico ou extralingüístico.

## 5. ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUISTICAS E SOCIAIS

Neste capítulo apresentamos e discutimos os resultados obtidos no presente estudo, iniciando por uma apresentação de todas as realizações do /s/ em coda silábica no falar recifense, em seguida partindo para uma pormenorização das variáveis lingüísticas e sociais que influenciam a palatalização da coronal anterior.

### 5.1- A variável dependente

Conforme já especificamos no capítulo anterior, analisamos apenas as variáveis alveolar e palatal, isto porque a frequência das outras duas variáveis, inicialmente propostas, foi insignificante, a saber: aspirada – 7% e zero fonético – 1%.

Vejamos algumas realizações extraídas do *corpus* analisado:

(01) Produções realizadas pelo Informante 150 – mulher – 1ª faixa etária

‘cobras’<sup>1</sup> – [‘kɔbras]

‘originais naquelas’ – [origi’nayz na’kɛlaʃ]

‘desgraçada’ – [dizgra’sada]

‘mas tão engraçado’ - [maʃ tãw ãgra’sadu]

‘descobri’ – [diʃku’bri]

‘as vezes’ – [aʒ ‘vezi]

‘rosbife’ – [hoʒ’bifi]

‘faz bem’ – [fah ‘beỹ]

‘gostosa’ – [goh’tɔza]

‘vamos dizer’ – [vamu di’ze]

---

1. única realização alveolar surda deste informante

Podemos observar claramente no gráfico e tabela abaixo que de fato a realização palatal é característica do falar recifense, atingindo 76% das ocorrências.

Gráfico 1. Frequência global das variantes do /s/ em coda silábica

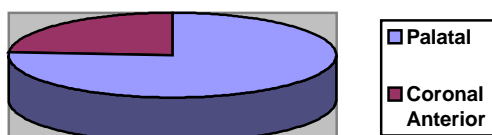


Tabela 04. Frequência global das variantes do /s/ em coda silábica

VARIANTE	APLIC./TOTAL	FREQUENCIA
Palatal	2.980/3.911	76%
Alveolar	931/3.911	24%

A variante palatal é, sem dúvida alguma, a mais utilizada no falar recifense, inclusive atingindo um índice um pouco maior que o obtido numa amostra menor do *corpus* do mesmo Projeto, analisada por Callou e Moraes (1996), 69.5%.

## 5.2- A palatalização

Numa análise dos resultados obtidos pelo VARB2000, constatamos, numa análise do tipo *step up*, que cinco das oito variáveis em estudo são estatisticamente relevantes para a produção do fenômeno, a saber, em ordem decrescente, as variáveis sexo, contexto fonológico seguinte, traço sonoro do segmento seguinte, faixa etária e Posição da sílaba. E numa análise do tipo *step down*, averiguamos que três das variáveis em estudo não são estatisticamente relevantes para a realização do fenômeno, a saber, tonicidade, categoria gramatical e contexto fonológico antecedente.



Com a finalidade de visualização dos resultados gerais obtidos na análise *step up*, apresentamos a Tabela abaixo que contém os índices alcançados pelas variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes para realização da palatal, em ordem decrescente.

Tabela 05. Variáveis estatisticamente relevantes para a palatalização e seus respectivos índices alcançados

<b>FATOR</b>	<b>APLIC./TOTAL</b>	<b>FREQUENCIA</b>	<b>PESO RELATIVO</b>
<b>1ª. SEXO</b>			
Feminino	1.622/1.755	92%	.75
Masculino	1.358/2.156	63%	.29
<b>2ª. CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE</b>			
Dorsal	441/564	78%	.43
Labial	732/1.001	73%	.44
Coronal	1.194/1.361	88%	.67
Pausa	613/985	62%	.36
<b>3ª. TRAÇO [VOZ] DO SEGMENTO SEGUINTE</b>			
[-voz]	1.728/2.082	83%	.55
[+voz]	642/848	76%	.42
Ausência	610/981	62%	.47
<b>4ª. FAIXA ETÁRIA</b>			
Faixa I	914/1.265	72%	.45
Faixa II	963/1.176	82%	.59
Faixa III	1.103/1.470	75%	.47
<b>5ª. POSIÇÃO DA SÍLABA</b>			
Intravocabular	992/1.174	84%	.55
Intervocabular	1.988/2.737	73%	.48

A análise *step down* selecionou três variáveis como não-relevantes estatisticamente para a produção do fenômeno, as quais apresentamos na tabela seguinte.

Tabela 06. Variáveis estatisticamente não-relevantes para a palatalização e seus respectivos índices alcançados

<b>FATOR</b>	<b>APLIC./TOTAL</b>	<b>FREQUENCIA</b>	<b>PESO RELATIVO</b>
<b>1ª. TONICIDADE</b>			
Átona	2.458/3.218	76%	.51
Tônica	522/693	75%	.47
<b>2ª. CATEGORIA GRAMATICAL</b>			
Verbos	518/644	80%	.50
Nomes	1.480/1.956	76%	.51
Outras	982/1.311	75%	.48
<b>3ª. CONTEXTO FONOLÓGICO ANTECEDENTE</b>			
Coronal	1.486/1.937	77%	.50
Labial	664/889	75%	.49
Dorsal	756/992	76%	.52
Nasal	74/93	80%	.49

Apresentaremos a seguir uma análise de todas as variáveis, tratando primeiro das variáveis sociais, para em seguida tratar das variáveis lingüísticas.

### **5.2.1- Variáveis Sociais**

#### **5.2.1.1- Sexo**

No presente estudo, os resultados obtidos confirmaram nossa hipótese inicial de maior incidência de palatalização entre as mulheres, como também os estudos de Scherre e Macedo (1989, Apud Brescancini, 1996) e de Brescancini (1996), conforme podemos observar no capítulo 3.

Tabela 07. Relevância da variável sexo para a realização palatal da coronal anterior

<b>FATOR</b>	<b>APLIC./TOTAL</b>	<b>FREQÜÊNCIA</b>	<b>PESO RELATIVO</b>
Feminino	1.622/1.755	92%	.75
Masculino	1.358/2.156	63%	.29

Esta é a variável selecionada pelo programa VARB2000 como a estatisticamente mais relevante para a produção da variante palatal. Sendo o sexo feminino o que mais palataliza – atingindo o peso relativo de .75.

(02) Exemplos de realizações pelo informante 004 – homem – 1ª faixa etária

‘construção’ – [kõftru’sãw]

‘meus familiares’ – [mewf famili’ariz]

(03) Exemplos de realizações pelo informante 191 – mulher – 3ª faixa etária

‘escala’ – [i f’kala]

‘mais popular’ – [mayf pɔpu’lah]

Se levarmos em consideração o fato de que a realização palatal é a mais prestigiada no português brasileiro, os resultados confirmam também a afirmação de Trudgill (1993, Apud Monteiro, 2000), bem como de outros estudos de que as mulheres fazem maior uso de variantes prestigiadas.

### **5.2.1.2- Faixa Etária**

Consideramos, neste trabalho, as referidas três faixas etárias e obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 08. Relevância da variável faixa etária para a realização palatal da coronal anterior

<b>FATOR</b>	<b>APLIC./TOTAL</b>	<b>FREQÜÊNCIA</b>	<b>PESO RELATIVO</b>
I Faixa	914/1.265	72%	.45
II Faixa	963/1.176	82%	.59
III Faixa	1.103/1.470	75%	.47

Conforme podemos observar houve uma freqüência aproximada na primeira e terceira faixa etária, havendo apenas um ligeiro favorecimento para a produção palatal na segunda faixa.

Esta variável foi selecionada como a quarta mais significativa para a realização palatal, sendo a segunda faixa a que mais palataliza, atingindo um peso relativo de .59.

(04) Realizações encontradas no falar do Informante 108 – mulher - 1ª faixa etária

‘esqueci’ - [iʃke’si]

‘duas cabeças’ [duaʃ ka’besaʃ]

(05) Realizações encontradas no falar do Informante 07– mulher - 2 faixa etária

‘induz pelo’ – [ĩ’duʃ pelu]

‘estuda’ – [iʃ’tuda]

(06) Realizações encontradas no falar do Informante 216 – homem faixa etária

‘dois nomes’ – [doyʒ ‘nomiz]

‘expressão’ – [iʃpre’sãw]

Contrariando os resultados obtidos pela maioria absoluta dos estudos mencionados no capítulo 3, e conseqüentemente a nossa hipótese, a faixa etária que favorece a palatalização é a segunda, e não a mais jovem. Os dados aqui analisados com relação a esta variável caracterizam um caso de variação estável, exatamente pelo fato de as faixas etárias das extremidades, ou seja, a I e a III apresentarem resultados bastante semelhantes.

## **5.2.2- Variáveis Lingüísticas**

### **5.2.2.1- Contexto Fonológico Seguinte**

O contexto seguinte coronal é o mais favorecedor, para o qual temos um peso relativo de .67.

Vejamos algumas realizações:

(07) Exemplos extraídos do inquérito do Informante n.º 099 – homem – 2ª faixa etária

‘genuínas que’ – [ʒenuˈinaʃ ke]

‘esquisitos’ – [iʃkiˈzituʃ]

‘espécie’ – [iʃˈpesi]

‘muitas vezes’ – [muɣ̃taʒ ˈveziʒ]

‘intestino’ – [ĩtiʃˈtinu]

‘sopas de’ – [ˈsopaʒ di]

‘fez’ – [ˈfeyʃ]

Tabela 09. Relevância do contexto fonológico seguinte para a palatalização

<b>FATOR</b>	<b>APLIC./TOTAL</b>	<b>FREQÜÊNCIA</b>	<b>PESO RELATIVO</b>
Dorsal	441/564	78%	.43
Labial	732/1.001	73%	.44
Coronal	1.194/1.361	88%	.67
Pausa	613/985	62%	.36

Bhat (1978, Apud Brescancini, 2003), ao analisar processos de palatalização de várias línguas do mundo, afirma que a palatalização em sibilantes é induzida tanto por uma consoante velar quanto por uma consoante labial. No entanto nossos resultados, apresentados na tabela acima, não confirmam essa hipótese.

Confirmamos a nossa hipótese de que a ocorrência da palatal seria a mais incidente, independente de um determinado contexto. No entanto, os resultados revelaram que, dentre todos, o ambiente mais propício é o das coronais, como também se verifica no estudo realizado por Gryner e Macedo (1981, Apud Brescancini, 1996) na cidade de Cordeiro – Rio de Janeiro, bem como, parcialmente, os de Pessoa (1986), Canovas (1996) e Mota (2002b).

#### **5.2.2.2- Traço [voz] do segmento seguinte**

Comprovando nossa hipótese, bem como a tendência de modo geral de todos os trabalhos analisados no capítulo 3, o traço [-voz] do segmento seguinte é fator favorável para a palatalização da coronal anterior.

Vejamos alguns exemplos:

(08) Exemplos extraídos do inquirido do Informante n.º 145 – homem – 3ª faixa etária

‘existe’ – [i’zifti]

‘das carências’ – [daf ka’rẽsia]

‘mesmo’ – [‘mezmu]

‘nós verificamos’ – [nɔʏʒ verifi’camu]

‘associados’ – [asɔsi’aduʃ #]

Há de se considerar também que a ausência de contexto seguinte também propicia a realização palatal (62%), uma vez que é o valor negativo do traço de sonoridade que o caracteriza sendo impossível a assimilação de um traço de um segmento seguinte pela fricativa em coda.

Tabela 10. Relevância do traço [voz] do segmento seguinte para a palatalização

<b>FATOR</b>	<b>APLIC./TOTAL</b>	<b>FREQÜÊNCIA</b>	<b>PESO RELATIVO</b>
[-voz]	1.728/2.082	83%	.55
[+voz]	642/848	76%	.42
Ausência	610/981	62%	.47

### 5.2.2.3- Posição da Sílabas

A análise do resultado aponta para uma supremacia da produção palatal em posição intravocabular, conforme podemos observar na tabela que se segue.

Tabela 11. Influência da variável Posição da sílaba para a realização da fricativa palatal

<b>FATOR</b>	<b>APLIC./TOTAL</b>	<b>FREQÜÊNCIA</b>	<b>PESO RELATIVO</b>
Intravocabular	992/1.174	84%	.55
Intervocabular	1.988/2.737	73%	.48

A posição intravocabular é a de maior frequência em quase todos os trabalhos discutidos no capítulo 3, em que predominam a realização palatal

Observemos algumas realizações encontradas:

(09) Exemplos extraídos do inquérito do Informante n.º 006– mulher – 2ª faixa etária

‘filhos de’ – [‘fiʎuʒ di]

‘eles têm’ – [elij ‘teỹ]

‘esclarecida’ – [i ʃklari’ sida]

O contexto intravocabular para a fricativa engloba também uma questão fonológica, pois na estrutura da língua portuguesa, a alternância na posição de coda silábica entre as consoantes /s/, /h/ e zero fonético provoca a distinção semântica em vocábulos como, por exemplo, *poste/porte/pote*, *pasto/parto/pato* e muitos outros mais. Em razão disto, Scherre e Macedo (2000, Apud Brescanini, 2003) afirmam que a raridade de ocorrência de aspirada e do zero fonético nesse contexto justifica-se por um bloqueio natural do sistema de realizações que eliminem distinções fonológicas, senão, seria impossível distinguir, por exemplo, ‘pasta’ [‘paʃta] de ‘pata’ [‘pata].

A partir de agora exporemos as variáveis que não foram consideradas relevantes para a palatalização, conforma a análise *step down* realizada pelo programa VARB2000.

#### **5.2.2.4- Tonicidade**

Esta variável é apontada, pela análise *step down* como não relevante para a produção da palatal, como dito linhas atrás. Os resultados obtidos, demonstrados na tabela que se segue confirmam nossa hipótese inicial a respeito da não-relevância da



tonicidade para a realização palatal, tendo ambos os contextos praticamente a mesma frequência e pesos relativos. Sendo a posição átona ligeiramente favorecedora, conforme aponta Bhat (1978, Apud Brescancini, 2003), afirmando que os contextos não-acentuados são favorecedores da palatalização das sibilantes, ao contrário do estudo de Scherre e Macedo (1996, Apud Hora, 2000) e de Brescancini (2003) nos quais a tonicidade é a propiciadora da palatalização.

Observemos algumas produções realizadas:

(10) Exemplos extraídos do inquérito do Informante n.º 021 – homem – 1ª faixa etária

‘constituir’ – [kõʃtitu’ih]

‘bastante’ [baʃtãti]

‘existir’ – [i’ziftih]

‘gosto’ – [‘goʃtu]

Tabela 12. Influência da tonicidade para a realização palatal

<b>FATOR</b>	<b>APLIC./TOTAL</b>	<b>FREQÜÊNCIA</b>	<b>PESO RELATIVO</b>
Átona	2.458/3.218	76%	.51
Tônica	522/693	75%	.47

#### **5.2.2.5- Categoria Gramatical**

Na primeira rodada realizada pelo programa MAKE3000, sem o agrupamento de variáveis, obtivemos os seguintes resultados.

Tabela 13. Influência da variável categoria gramatical para a palatalização

<b>FATOR</b>	<b>APLIC./TOTAL</b>	<b>FREQÜÊNCIA</b>
Verbo	479/804	60%
Adjetivo	265/462	57%
Substantivo	1.009/1.961	51%
Outra	687/2.142	32%

A categoria gramatical que mais favorece a palatalização é o verbo, bem como no estudo de Scherre e Macedo (1996, Apud Hora, 2000) e de Hora (2000).

Vejamos alguns exemplos:

(11) Exemplos extraídos do inquérito do Informante n.º 150– mulher – 1ª faixa etária

‘descobrir’ – [dɨʃkuˈbri]

‘escura’ - [iʃˈkura]

‘espera’ – [iʃˈpera]

‘jaulas muito’ – [jawlaʒ ˈmuʃtu]

‘minhas plantas’ – [miɲaʃ ˈplãta]

Realizamos uma outra rodada, desta vez agrupando a classe dos nomes, obtendo basicamente os mesmos resultados seguidos dos respectivos pesos relativos. Esta variável não foi selecionada pelo programa como relevante estatisticamente para a produção da variável palatal.

Tabela 14. Influência da variável categoria gramatical (amalgamando a classe dos nomes) para a palatalização

FATOR	APLIC./TOTAL	FREQÜÊNCIA	PESO RELATIVO
Verbos	518/644	80%	.50
Nomes	1.480/1.956	76%	.51
Outras	982/1.311	75%	.48

#### 5.2.2.6- Contexto Fonológico Antecedente

Esta variável também não foi considerada relevante estatisticamente pelo programa. Confirmamos nossa hipótese inicial de que a realização palatal é a campeã, independente do contexto fonológico antecedente, inclusive trazendo frequência e peso relativo praticamente iguais, parecendo não fazer diferença a vogal que a antecede.

Conclui-se diante de tais resultados que tanto o movimento de elevação do ápice da língua em direção ao palato duro, quando da produção das vogais coronais, quanto à retração do dorso da mesma, quando da produção das vogais dorsais são importantes para o processo de palatalização. Fato este constatado por Bhat (1978, Apud Brescancini, 2003) ao analisar 120 línguas de diferentes famílias e dialetos, que concluiu que a palatalização em sibilantes é favorecida tanto por vogais posteriores e frontais precedentes.

Vejamos alguns exemplos encontrados no *corpus* analisado:

(12) Exemplos extraídos do inquirido do Informante n.º 004– homem – 1ª faixa etária

‘nesses termos’ – [nesif ‘tehmuh]

‘acostumado’ – [akuftu’madu]

‘algumas dificuldades’ – [awgumaʒ difiku’dadij]

‘construção’ – [kõʃtruˈsãw]

Tabela 15. Relevância do contexto fonológico antecedente para a palatalização

<b>FATOR</b>	<b>APLIC./TOTAL</b>	<b>FREQÜÊNCIA</b>	<b>PESO RELATIVO</b>
Coronal	1.486/1.937	77%	.50
Labial	664/889	75%	.49
Dorsal	756/992	76%	.52
Nasal	74/93	80%	.49

### 5.2.3- Cruzamento de algumas variáveis

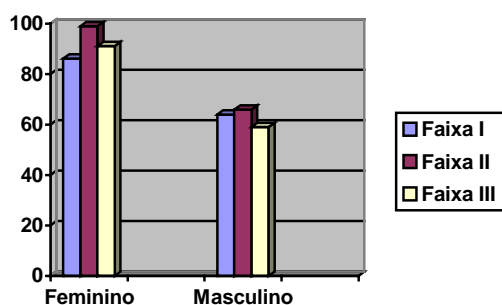
Após analisarmos uma a uma todas as variáveis em estudo, constatamos que cinco foram as variáveis selecionadas pelo programa computacional como estatisticamente relevantes para a produção da palatal, em ordem decrescente, a saber:

- sexo;
- contexto fonológico seguinte;
- traço de sonoridade do segmento seguinte;
- faixa etária;
- Posição da sílaba.

Resolvemos então cruzar, inicialmente, as variáveis sociais, que são as de maior peso no tocante a realização palatal, e em seguida as variáveis lingüísticas selecionadas como estatisticamente relevantes com a finalidade de observarmos a reação de uma frente a outra. Vejamos então:

### 5.2.3.1- Cruzamento sexo x faixa etária

Gráfico 2. Produção palatal em posição de coda: sexo x faixa etária

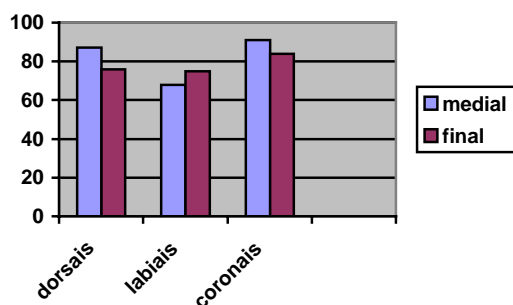


Conforme podemos observar no gráfico acima, a produção palatal atinge percentuais altíssimos no sexo feminino, chegando a 99% na segunda faixa etária, também é na segunda faixa etária masculina que podemos verificar o mais elevado índice percentual, 66%.

Numa rápida análise podemos perceber uma diferença de comportamento na produção palatal entre homens e mulheres distribuídos nas respectivas faixas etárias. Entre as mulheres, o índice mais baixo de produção é na I faixa e o mais alto, como já o dissemos, na II faixa, enquanto que entre os homens o índice mais baixo dessa realização é entre os falantes de III faixa, estando a I e II faixas praticamente no mesmo patamar, havendo um pequeno favorecimento também para a II faixa.

### 5.2.3.2- Cruzamento Posição da sílaba x contexto seguinte

Gráfico 3. Produção palatal em posição de coda: Posição da sílaba x contexto fonológico seguinte

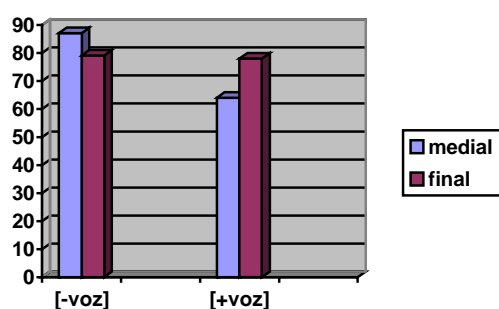


Com exceção do contexto fonológico seguinte ocupado por labiais, podemos observar que no gráfico acima houve, conforme anteriormente comprovado, um favorecimento para o contexto intravocabular. Salientamos que não apresentamos os resultados obtidos com o contexto de ausência porque o mesmo só ocorre em ambiente fonológico extravocabular, não havendo, portanto, possibilidade de comparação deste contexto em posição interna.

É importante salientar que o baixo índice alcançado na posição intravocabular com relação ao contexto fonológico seguinte deve-se ao fato de que as seqüências ‘sm’, ‘sp’ e ‘sb’ no interior de vocábulos é bem menos ocorrente de que, por exemplo, ‘st’, ‘sd’, ‘sk’ e ‘sg’.

### 5.2.3.3- Cruzamento Posição da sílaba x traço de sonoridade do segmento seguinte

Gráfico 4. Produção palatal em posição de coda: Posição da sílaba x traço [voz.] do segmento seguinte

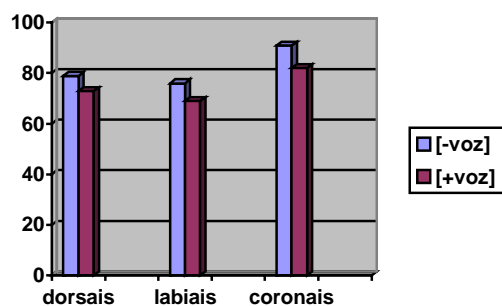


A relação entre as variáveis Posição da sílaba e traço de sonoridade do segmento seguinte, expressa no Gráfico 4 revela-nos que a predominância da palatalização em posição intravocabular está também condicionada ao traço [-voz] do segmento seguinte.

É importante salientar que, no cruzamento das variáveis em questão, diante de segmento vozeado houve uma maior frequência no contexto final, fato que ocorre por haver um maior número de ocorrências de /s/ em coda diante de segmento vozeado na posição final, conforme constatamos quando realizamos uma análise pelo programa TSORT de uma amostra de 128 ocorrências, das quais 86 se encontram em posição final.

#### 5.2.3.4- Cruzamento contexto fonológico seguinte x traço de sonoridade do segmento seguinte

Gráfico 5. Produção palatal em posição de coda: contexto fonológico seguinte x traço de sonoridade do segmento seguinte



Ao analisar o gráfico acima percebemos que as relações entre as variáveis em questão não interferem no favorecimento para a palatalização das alveolares diante de segmento não vozeado, independentemente deste segmento ser dorsal, labial ou coronal.



## 6. AS FRICATIVAS ALVEOLARES E PALATAIS

### 6.1- Caracterização Fonética

Todas as línguas naturais possuem vogais e consoantes. Entende-se por segmento vocálico, um som em cuja produção não haja interrupção da corrente de ar, não havendo obstrução total nem parcial. Por outro lado, na produção de um segmento consonantal, a corrente de ar sofre algum tipo de obstrução nas cavidades supraglotais de modo que haja uma obstrução total ou parcial da sua passagem, podendo ou não haver fricção.

Na produção de um segmento consonantal fricativo, os articuladores se aproximam produzindo uma fricção no momento da passagem da corrente de ar, sem provocar obstrução completa e sim parcial, dizemos que esse segmento é fricativo ou construtivo. O termo fricativo é utilizado porque, em termos perceptuais, temos um ruído de fricção específico ao ponto de articulação, podendo a fricção ocorrer em qualquer parte do aparelho fonador, da glote até os lábios.

Segundo Silva (2002, p.37), temos os seguintes sons fricativos em Língua Portuguesa:

Tabela 16. Consoantes Fricativas da Língua Portuguesa

<b>Ponto de Articulação</b>	<b>Sonoridade</b>	<b>Símbolo Fonético</b>
Labiodental	Surda	[ f ]
Labiodental	Sonora	[ v ]
Alveolar	surda	[ s ]
Alveolar	Sonora	[ z ]
Alveopalatal	Surda	[ ʃ ]
Alveopalatal	Sonora	[ ʒ ]
Velar	Surda	[ X ]
Velar	Sonora	[ Y ]
Glotal	Surda	[ h ]
Glotal	sonora	[ ħ ]

Denominam-se as fricativas alveolares de sibilantes e as fricativas alveopalatais, ou palatais, de chiantes, como também o faz Câmara Jr., quando fala do fenômeno da neutralização, bem como em diversos pontos de sua obra:

*Um bom exemplo em português é o desaparecimento do contraste entre **sibilantes** e **chiantes** (/s/ e /x/, /z/ e /j/) em posição pós-vocálica.<sup>1</sup>*

Temos então, uma oposição entre consoante “dura” ou não-palatalizada que distingue os quatro fonemas em questão. Por outro lado, Hock (1986, Apud Brescancini, 1996) não adota tal distinção para o quadro das fricativas em língua inglesa, e sim as agrupa sob o rótulo de sibilantes, comentando:

*Um especial sub-conjunto de fricativas é construído pelas **sibilantes**: cf. e.g. sip, zip (dentais), ship, measure (palatais ou pós-dentais). Diferem das fricativas comuns devido à modificação secundária da corrente de ar que cria um efeito acústico especial.<sup>2</sup>*

Seguimos a classificação de Câmara Jr. (1977), observando que são várias as diferenças entre sibilantes e chiantes, de acordo com Malmberg (1954, p. 86), o ponto de articulação das sibilantes é nos alvéolos dos dentes superiores para as sibilantes, sendo, portanto, alveolares, e na parte dura do palato para as chiantes, sendo, portanto, alveopalatais, ou simplesmente, palatais. Também há diferença de forma do dorso da língua que se abaixa para [ s ] e se eleva para [ ʃ ], havendo ainda um arredondamento dos lábios para as chiantes contra o não-arredondamento para as sibilantes.

---

1. CAMARA Jr., Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed, Rio de Janeiro: Padrão, 1977:37.

2. “A special subset of the fricatives is constituted by the **sibilants**; cf. eg. Engl. Sip, zip (‘dental’), ship, measure (palatal or post-dental). These differ from ordinary fricatives through some ancillary modification of the air stream wich creates a special acoustic effect” (Hock, 1986, p.14, Apud Brescancini, 1996, p.6)

## 6.2 – Caracterização Fonológica

### 6.2.1- Visão Estruturalista

De acordo com Câmara Jr (1977), a consoante é o elemento que, combinado com uma vogal silábica, forma a sílaba. Na produção das consoantes a corrente de ar não passa livremente pelo trato vocal como ocorre com as vogais, manifesta diferenças articulatórias, dependendo ainda da posição que ocupa na sílaba: *onset* ou *coda*.

Discutindo o quadro fonêmico da Língua Portuguesa, Câmara Jr. (1977, p.76) destaca uma posição particular nas fricativas causada pela diferença de articulação pelo dorso da língua em co-articulação com o palato médio, estabelecendo /ʃ/, /ʒ/ ao lado de /s/, /z/ respectivamente. Insere as chiantes no plano das consoantes molhadas<sup>3</sup>, ao lado das demais palatais, uma vez que podemos perceber a diferença articulatória já mencionada, num fenômeno de palatalização. Estabelece-se, por conseguinte, uma oposição entre consoante dura ou não-palatalizada, classificada como ântero-lingual e consoante palatalizada, classificada como póstero-lingual, baseados na classificação de Jakobson (Apud Câmara, 1977, p.77), segundo a qual a co-articulação palatal cria uma obstrução à entrada da câmara de ressonância bucal.

As consoantes ântero-linguais [s] e [z] e as consoantes póstero-linguais [ʃ] e [ʒ] contrastam em língua portuguesa em posição de *onset*, conforme podemos comprovar com os exemplos a seguir:

(01)

a[s]a : a[z]a : a[ʃ]a : a[ʒ]a
[s]inco : [z]inco : [ʃ]a : [ʒ]a

3. Bloomfield considera este fenômeno como uma modificação e Trubetzkoy um trabalho articulatorio complementar Apud Câmara Jr. (1977, p. 77).

Ainda de acordo com Câmara Jr. (*op cit*), em coda silábica, não há contraste dos quatro fonemas vistos anteriormente, podendo se realizar como consoante ântero-lingual ou pósterio-lingual, surda ou sonora, a depender da pronúncia regional do país. A fonologia estruturalista trabalha com este fenômeno, como um caso de neutralização<sup>4</sup>, numa perspectiva de relação entre a oposição e sua validade distintiva. Não há oposição entre sibilantes e chiantes neste ambiente em língua portuguesa, geralmente, tem-se [ s ] ou [ ʃ ] diante de consoante surda ou pausa e [ z ] ou [ ʒ ] diante de consoante sonora, não havendo portanto o contraste alveolar x palatal e surdo x sonoro, pois a sonoridade do segmento depende do vozeamento ou não da consoante seguinte, e a palatalização ou não depende do falar em questão. Caracteriza-se, este último caso, como uma variação regional. Como em (02)

(02)

Pa[s]ta - pa[ʃ]ta

Pa[s]túi[s] - pa[ʃ]túi[ʃ]

Me[z],o - me[ʒ] mo

Se não há contraste, como representar fonologicamente tais segmentos? Convencionou-se, neste caso o arquifonema /S/ para representar qualquer um dos quatro segmentos em coda silábica. Segundo Câmara Jr. (1977), as quatro consoantes se neutralizam em proveito de um único traço distintivo permanente – a fricção produzida durante a articulação. O arquifonema representa a neutralização da oposição de dois ou mais fonemas já estabelecidos em outros contextos.

No presente trabalho, partimos da pressuposição de que haja um fonema subjacente aos alofones estudados, logo não podemos considerar a noção de arquifonema, já que o mesmo não poderia se realizar, uma vez que não é um fonema.

---

4. Fenômeno proposto no Círculo Lingüístico de Praga por Trubetzkoy e seus companheiros – Apud Câmara Jr. (1977).

Assim, preferimos a noção de debordamento fonêmico, o chamado *phonemic overlapping*, entre alofones de fonemas distintos, fenômeno que se tornou conhecido mais tarde como *condição de invariância*. Segundo Callou & Leite (1999, p.57), entende-se por debordamento fonêmico a possibilidade de um mesmo som ser submembro de dois fonemas distintos.

Seguindo tal raciocínio, discute-se, por exemplo, se é possível afirmar que [ s ], [ ʃ ] e [ ʒ ] são fones tanto dos fonemas / s /, / ʃ / e / ʒ / respectivamente, quanto do fonema / s / em coda silábica. Afirma-se essa análise que há um debordamento parcial dos alofones em questão, uma vez que Bloch (1941, apud Callou & Leite, 1999, p.58) inclusive rechaça completamente a idéia de debordamento total, uma vez que há um condicionamento fonológico para os sons debordantes: [ s ], [ ʃ ] e [ ʒ ] como alofones de /s/, / ʃ / e / ʒ / em ambiente de início de palavra e intervocálico. O alofone [ z ] seria um som debordante do fonema / s /, diante de vogal e de consoante sonora em dialetos que não palatalizam; nos dialetos que palatalizam, o fonema / s /, em coda silábica, teria três alofones: [ s ] e [ ʃ ] diante de pausa ou de consoante desvozeada e [ ʒ ] diante de consoante vozeada e de vogal.

Nos moldes do estruturalismo e dentro de uma variedade lingüística do português brasileiro que produza a palatalização, teríamos então a seguinte representação da alofonia do fonema /s/ em final de sílaba intra e intervocálica.

Tabela 17. Alofonia do fonema / s / em final de sílaba intra e intervocálica (dialeto em que há palatalização)

Fonema	Alofones	Contexto fonológico	Exemplos
/ s /	[ s ]	Diante de pausa ou de consoante desvozeada	Co[s]tume – may[s]
	[ ʃ ]	Diante de pausa ou de consoante desvozeada	Co[ ʃ ]tume – may[ ʃ ]
	[ z ]	Diante de vogal e de consoante sonora	Ra[z]ga
	[ ʒ ]	Diante de vogal e de consoante sonora	Ra[ʒ]ga

Após fazer essa breve explanação numa perspectiva estruturalista, passemos então, a apresentar os segmentos em estudo numa perspectiva gerativa.

### 6.2.2. Visão Gerativista

A fonologia gerativa padrão propõe-se a formalizar as oposições e distribuições dos sistemas sonoros de modo a expressar as generalizações atestadas empiricamente, ou seja, tem como principal objetivo descrever os princípios universais que regulam os sistemas sonoros na busca de compreender os mecanismos que regulam a gramática universal (GU). Neste modelo, assume-se que processos fonológicos expressam as alternâncias segmentais. Tais processos fonológicos são formalizados por regras fonológicas. Regras fonológicas são elaboradas na forma  $A \rightarrow B / C\_D$  (sendo que ABCD são categorias opcionais). O símbolo A corresponde à descrição estrutural; o símbolo B, à mudança estrutural e C e D correspondem aos ambientes fonológicos que precedem e sucedem o segmento em questão. Uma regra do tipo  $A \rightarrow B / C\_D$  indica que uma seqüência do tipo CAD será transformada em CBD. Em suma, regras fonológicas geram novas seqüências por meio de transformações (Chomsky e Halle, 1968).

A fonologia gerativa é marcada pela publicação de *The Sound Pattern of English*, em 1968, de Chomsky & Halle, que amplia o conjunto de traços utilizados para a descrição dos segmentos. Seguindo a conceituação de fonema como um feixe de traços distintivos proposta pelo Círculo Lingüístico de Praga, mais especificamente por Jakobson, Fant & Halle (1952), que estabeleceram um conjunto limitado de traços distintivos universais, compondo uma matriz fonológica.

Vejam os então, um resumo do sistema de traços proposto por Jakobson & Halle (1980), bem como o proposto por Chomsky & Halle (1968) e uma comparação entre ambos.

Tabela 18. Resumo do sistema de Jakobson & Halle (1980, pp 33-49)

Vocálico	Vogais e líquidas
Não-vocálico	Glides e obstruintes
Consonântico	Obstruintes e líquidas
Não-consonântico	Vogais e glides
Contínuo	Fricativas e laterais
Não-contínuo	Oclusivas, vibrantes e africadas
Bloqueado/ não-bloqueado	Ejectivas, implosivas e cliques
Estridente	Fricativas [f, s, ʃ, v, ʒ] (também africadas)
Mute (não-estridentes)	Fricativas [ɸ, θ, x, β, ɣ, h]
Vozeado	Sonoros
Não-vozeados	Sons não-sonoros
Compacto	Cons. Velares (diante de i são agudas) e palatais, vogais baixas
Difuso	Cons. Labiais, dentais, alveolares e vogais altas

Grave	Cons. Labiais e velares
Agudo	Cons. Dentais, alveolares e palatais
Bemolizado (não-bemolizado)	Cons. Faringalizadas, labializadas, vogais [ɔ, o, u]
Diesado (/não-diesado)	Cons. Palatalizadas (/não-palatalizadas)
Tenso/ não-tenso	Longas/breves, aspiradas/não-aspiradas
Nasal/ não-nasal	Cons. Nasais, vogais e glides nasalizados

Tabela 19. Resumo do sistema de traços de Chomsky & Halle (1968, pp. 298- 301)

Soante (/não-soante)	Vogais, glides e nasais, líquidas
Silábico (/não-silábico)	Vogais nasais, laterais, vibrantes silábicas
Consonântico	Obstruintes, soantes, nasais e líquidas
Não-consonântico	Vogais e glides
Coronal	Cons. Dentais, alveolares, alveopalatais e retroflexas
Não-coronal	Labiais, velares, uvulares e faringais
Anterior	Cons. Labiais, dentais e alveolares
Não-anterior	Demais cons. não anteriores e todas as vogais
Alto (não-alto)	Cons. alveopalatais, palatais, palatalizadas, velares, velarizadas, e as vogais [i, u] e os glides [j, w]. os demais são não-alto
Baixo (/não-baixo)	Consoantes faringais e faringalizadas e as vogais [ɛ, a, ɔ]
Não-alto e não-baixo	Vogais [e, o]
Recuado (/não-recuado)	Cons. velares, uvulares, faringais, velarizadas, faringalizadas, vogais centrais e



	posteriores
Arredondado (/não-arredondado)	Sons produzidos com a protusão dos lábios
Distribuído	Consoantes bilabiais e laminais
Não-distribuído	Cons. labiodentais, apicais e retroflexas
Coberto (/não-coberto)	Vogais com estreitamento da faringe e maior tensão
Constricção glotal	Cons. implosivas, ejectives, glotalizadas, faringalizadas e as vogais laringalizadas
Nasal (/não-nasal)	Cons. nasais, vogais e glides nasalizados
Lateral (/não-lateral)	Cons. laterais que são coronais (/fricativas e africadas)
(contínuo/) não-contínuo	Cons. africadas, nasais, oclusivas, ejectives, implosivas (as laterais podem ser [cont] ou [-cont])
Distensão retardada (/distensão instantânea)	Consoantes africadas
Sucção (/não-sucção)	Consoantes implosivas e cliques
Pressão (/não-pressão)	Sons egressivos por elevação da glote (depois abaixamento)
Tenso (/não-tenso)	Articulação firme, clara, prolongada, oposta à articulação indistinta. Tanto as vogais como as consoantes podem ser tensas ou relaxadas
Aumento da pressão subglotal (/não-aumento da pressão subglotal)	Sons aspirados e tensos ou oclusivas vozeadas e aspiradas – (simultaneamente)
Vozeado (/não-vozeado)	Sons sonoros
Estridente (/não-estridente)	Consoantes obstruintes contínuas e africadas com fricção forte
Modificações posteriores do sistema	
Cordas vocais tensas [+/-]	Aumento da frequência do som fundamental – elevação da laringe: vogais vozeadas,

	oclusivas surdas, aspiradas, [ h ] e [ f̥ ]
Cordas vocais relaxadas [+/-]	Oclusivas sonoras murmuradas
Abertura glotal [+/-]	Aspiração, vogal desvozeadas, murmuradas, oclusivas aspiradas, murmuradas e [h]
Constricção glotal [+/-]	Vogais laringalizadas

Tabela 20. Comparação entre os dois sistemas de traços:

<b>Jakobson &amp; Halle (1980)</b>	<b>Chomsky &amp; Halle (1968)</b>
I - Traços de classes principais	
	+/- soante (ou sonorante)
+/- vocálico	+/- vocálico
+/- consonântico	+/- consonântico
II – Traços de cavidade	
Compacto/ difuso	+/- coronal
Grave/ agudo	+/- anterior
+/- diesado	+/- alto
+/- bemolizado	+/- baixo
	+/- recuado
	+/- arredondado
	+/- distribuído
	+/- coberto
	+/- constricção glotal
nasal/ oral	+/- nasal
	+/- lateral

III – Traços de modo de articulação	
Interrompido/ contínuo	+/- contínuo
	+/- distensão retardada
	+/- sucção
+/- bloqueado	+/- pressão
tenso/ relaxado	+/- tenso
IV – Traços de fonte	
	+/- aumento da pressão glotal
+/- vozeado	+/- vozeado
estridente/ mate	+/- estridente

Em suma, do conjunto de traços propostos por Chomsky & Halle (1968) que estão sintetizados na tabela acima, têm sido utilizados os seguintes traços para a descrição do Português:

#### Traços de Classes Principais

- soante
- vocálico
- consonantal

#### Traços de Cavidade

- coronal
- anterior
- alto
- baixo
- recuado
- arredondado
- distribuído
- nasal
- lateral

### Traços de Modo de Articulação

- contínuo
- distensão retardada
- tenso

### Traços de Fonte

- vozeado
- estridente

Dentro de tal modelo, teríamos a seguinte matriz de traços que caracteriza as fricativas alveolares e palatais.

Tabela 21. Matriz de traços para as fricativas alveolares e palatais

	<b>s</b>	<b>z</b>	<b>ʃ</b>	<b>ʒ</b>
Anterior	+	+	-	-
Recuado	-	-	+	+
Voz	-	+	-	+

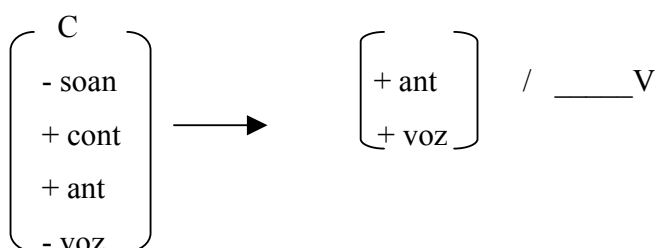
Podemos sintetizar a escolha de uma das quatro realizações acima da seguinte forma: quando o segmento sucessivo for [- voz], teremos a realização [ s ] ou perda do traço [+ ant] passando a [- ant], palatalizando-se [ ʃ ]; quando [+ voz] a sibilante assimila essa propriedade e torna-se [ z ] ou palataliza-se [ ʒ ]. Vale salientar que se este segmento [+ voz] for uma vogal, geralmente, a sibilante assimila o vozeamento da vogal, mas mantém seu traço [+ant], realizando-se como [ z ], ocorrendo então um processo de

ressilabificação, deixando de ocupar a posição de coda de uma sílaba, para ocupar a posição de *onset* da sílaba seguinte.

O fenômeno em que um som adquire uma propriedade de outro que lhe está próximo, tornando-se mais semelhante recebe o nome de assimilação. No caso em que o segmento assimila a propriedade de vozeamento da consoante seguinte, temos a assimilação de sonoridade, como em  $s \rightarrow z$  e  $\int \rightarrow ʒ$ . Quando o segmento consonântico muda seu ponto de articulação alveolar deslocando-se para a região palatal, temos então uma assimilação denominada palatalização.

Apenas a título de exemplo, demonstraremos abaixo um processo de assimilação de vozeamento através da formalização da regra da seguinte maneira:

(02)



O modelo gerativista, conforme nos chamam a atenção Callou & Leite (1999, p.63), busca a formalização de regras em termos de simplicidade e naturalidade, portanto, quanto mais geral o processo, mais simples e econômica sua formalização e, ao contrário, quanto menos natural e específico, mais longas e marcadas serão as regras.

Partiremos a partir do próximo item a discorrer um pouco sobre a Fonologia Autossegmental, baseando-nos para tanto em Hernanderona (2001) e Clements e Hume (1995), bem como a representar os fones em estudo dentro do modelo da Geometria dos Traços.

### 6.2.3 – Visão Autossegmental

Apesar da enorme importância e contribuição da noção de traço distintivo como unidade básica de representação e de análise fonológica, tido como unidade mínima, não-segmentável, o modelo gerativo tem inúmeras limitações no tocante ao poder explicativo de inúmeros fenômenos fonológicos, tanto segmentais como prosódicos. Dessa forma, partindo da necessidade de melhor explicar tais fenômenos surgiram os modelos não-lineares, dos quais abordaremos o modelo fonológico autossegmental para representar os segmentos constituintes de nosso objeto de estudo, bem como os fenômenos de palatalização e de assimilação aos quais se submetem.

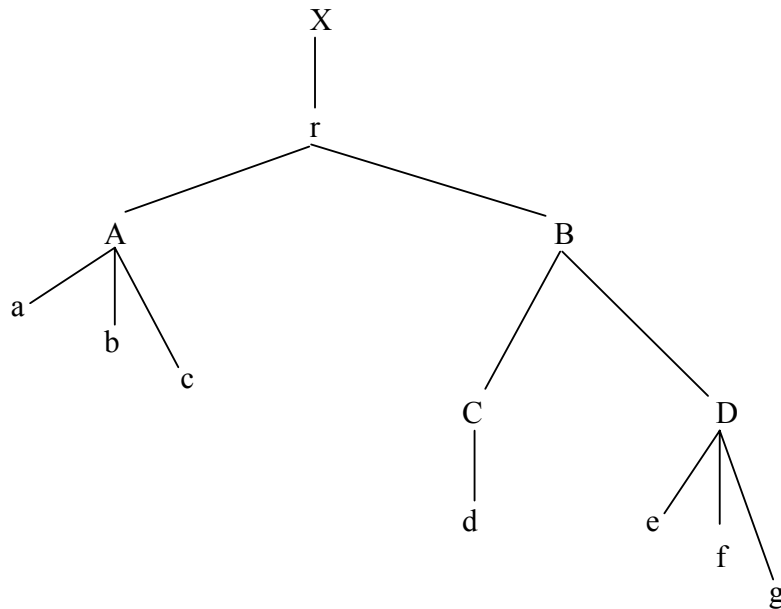
A Fonologia Autossegmental permite a segmentação independente de partes dos sons da língua, operando não só com segmentos completos e matrizes inteiras de traços, mas também com autossegmentos. O ponto primário e básico deste modelo é o de que não há uma relação bijectiva entre o segmento e o conjunto de traços que o compõe. Seguindo esse raciocínio, entende-se que os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento e que o apagamento de um segmento não implica necessariamente que todos os traços que o compõe desapareçam.

Outro entendimento deste modelo é o de que o segmento apresenta uma estrutura interna hierarquicamente organizada, a partir disso temos uma outra forma de representação dos traços que compõe o segmento. A Fonologia Autossegmental passou a analisar os segmentos em *tiers*, camadas, dividindo as partes do som independentemente.

Com a finalidade de representar a hierarquização dos traços fonológicos, assim como seu funcionamento, isoladamente ou em conjuntos solidários, Clements (1985, 1989 e 1991, Apud Hernanderona, 2001) propôs a geometria dos traços. Nessa geometria, cuja última versão aparece em Clements e Hume (1995), a representação dos segmentos se mostra através de configurações de nós hierarquicamente organizados, em que os nós terminais são traços fonológicos e os nós intermediários, classes de traços.

Tais configurações são demonstradas através de diagramas arbóreos, como o seguinte, baseado em Clements e Hume (1995, p. 249):

(03)



No diagrama acima, **X** representa o tempo em que ocorre o segmento, **r** representa o segmento propriamente dito, que corresponde ao *nó de raiz*. Os nós **A**, **B**, **C**, **D** representam os nós de classes, sendo que **C** e **D** são dependentes de **B**. Os nós terminais **a**, **b**, **c**, **d**, **e**, **f**, **g** são traços fonológicos.

Segundo Clements e Hume (1995, p. 268), o nó raiz, dominando todos os traços, representa o segmento como uma unidade fonológica. Este nó é constituído pelos chamados traços maiores [soante], [aproximante] e [vocóide], identifica a presença de tais traços nas grandes classes, obstruintes, nasais, líquidas e vogais, do que resulta o seu grau de sonoridade numa *escala de sonoridade*. Observe-se que a escala existe em função dos valores positivos desses traços, conforme podemos observar na tabela extraída de Clements (1990, Apud Clements e Hume, 1995, p.269).

Tabela 22. Escala de sonoridade

	[soante]	[aproximante]	[vogal]	Escala de sonoridade
Obstruente	-	-	-	0
Nasal	+	-	-	1
Líquida	+	+	-	2
Vogal	+	+	+	3

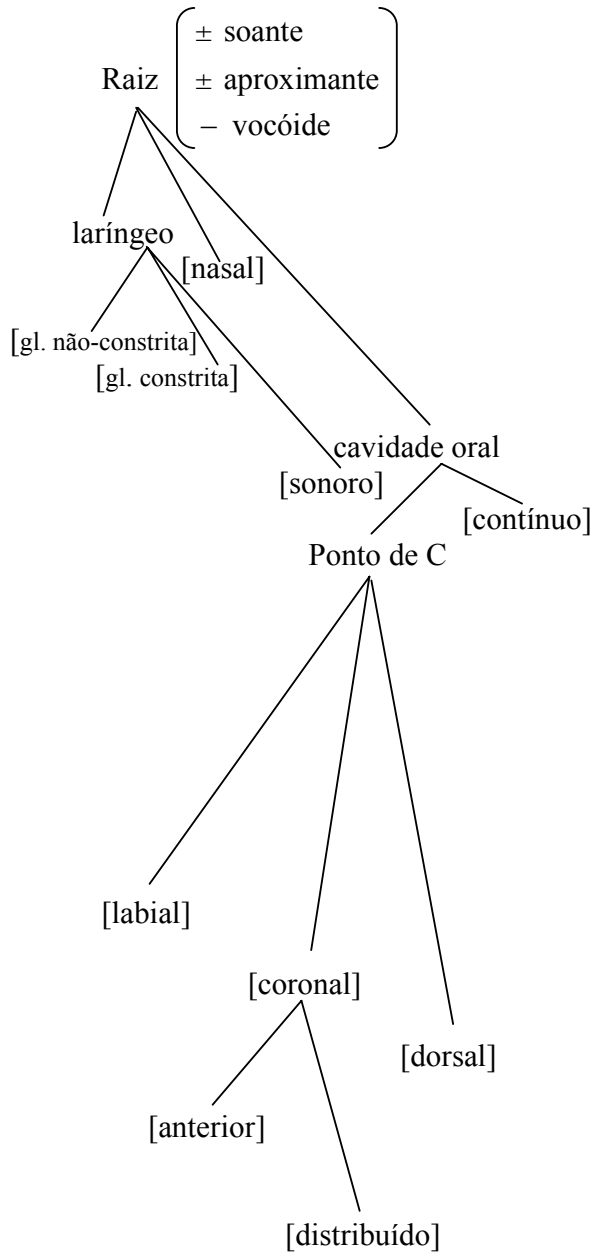
O nó cavidade oral domina o traço [contínuo] e o nó ponto de consoante – [labial], [coronal], [dorsal]. Este modelo utiliza-se de um único conjunto de traços para a caracterização do ponto de articulação de consoantes e vogais. O traço *labial* envolve os lábios como articulador ativo, abrangendo, assim, em português, os fonemas /p, b, m, f, v, o, u, ɔ/. O traço coronal tem como articulador ativo a parte anterior da língua e, em português, envolve os fonemas /t, d, n, l, r, ʃ, ʒ, λ, ɲ, i, e, ε/. Estando as consoantes sibilantes reunidas sob o rótulo *coronal anterior* e as palatais, sob o rótulo *coronal distribuída*. O traço dorsal tem como articulador ativo o corpo da língua e envolve em português os fonemas /k, g, h, a/.

De acordo com Clements e Hume (1995, p. 292), a representação da organização hierárquica de consoantes e vogais é a seguinte:

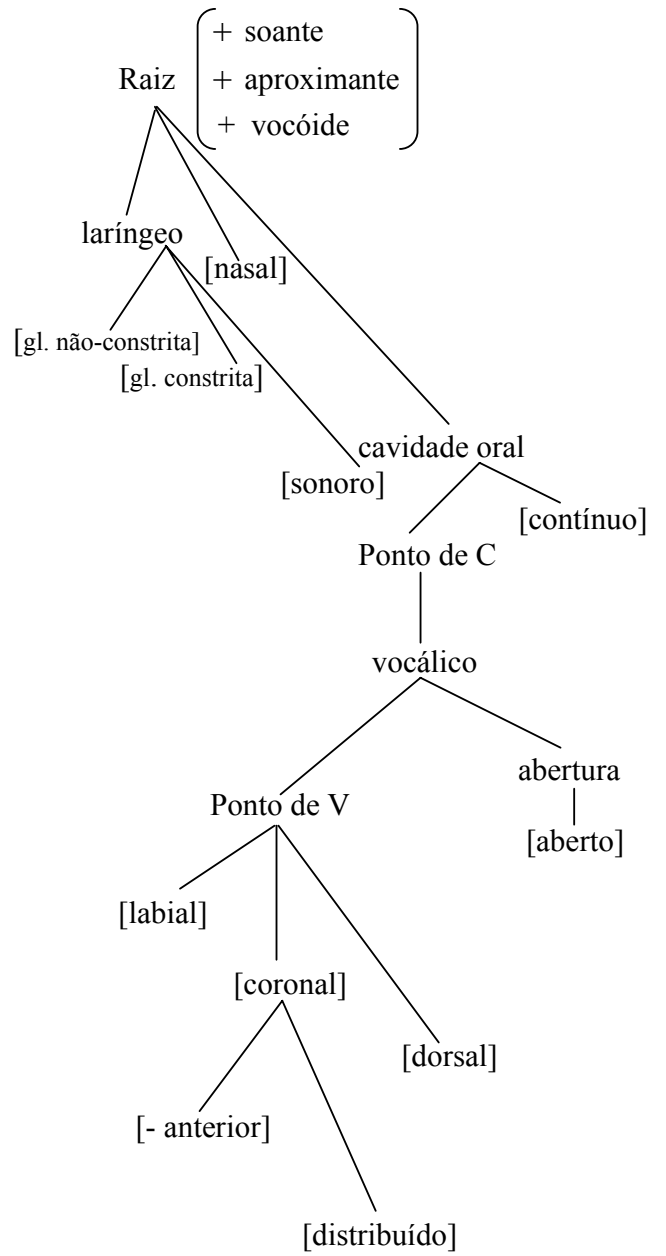


(04)

(a) Consoantes



(b) Vogais



### 6.3- A palatalização da fricativa alveolar numa perspectiva não-linear

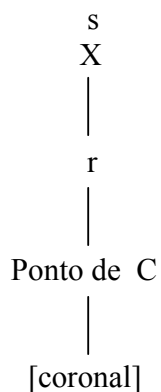
#### 6.3.1- Classificação dos segmentos

A Fonologia Autossegmental deixou de entender os segmentos como conjuntos desordenados de traços e passou a representá-los por estruturas hierarquizadas compostas de traços hierarquicamente organizados, dispostos em diferentes *tiers*, ligados por linhas de associação, conforme vimos na seção anterior. Partindo dessa formalização, podemos classificar os segmentos, de acordo com Clements e Hume (1995), como sendo:

- segmentos simples;
- segmentos complexos;
- segmentos de contorno.

Um segmento é simples quando possui apenas um nó de raiz e caracteriza-se por apenas um traço de articulação oral. Por exemplo, [ s ] é um segmento simples, uma vez que apresenta apenas uma articulação [coronal], conforme podemos melhor visualizar na representação abaixo:

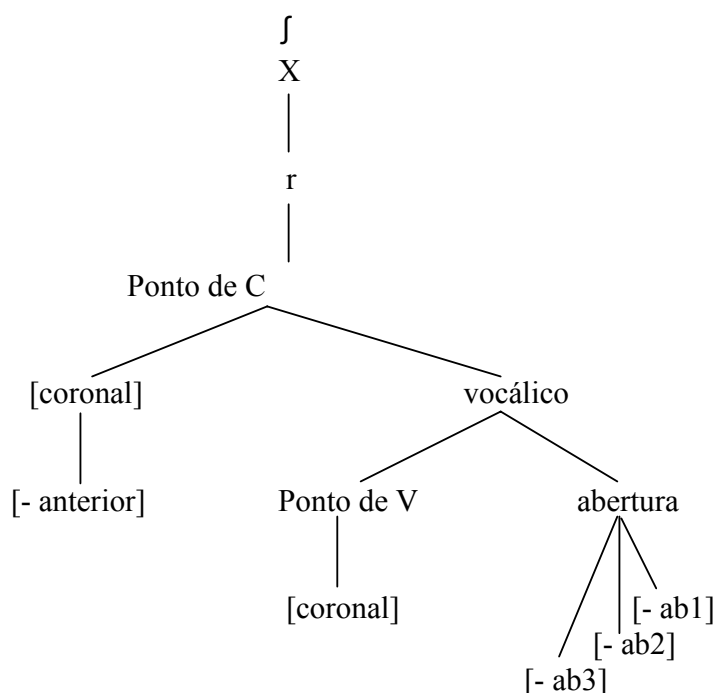
(05)



Um segmento é complexo quando apresenta um nó de raiz caracterizado por, no mínimo, dois traços diferentes de articulação oral. Também são considerados segmentos complexos aqueles que têm duas articulações orais de níveis

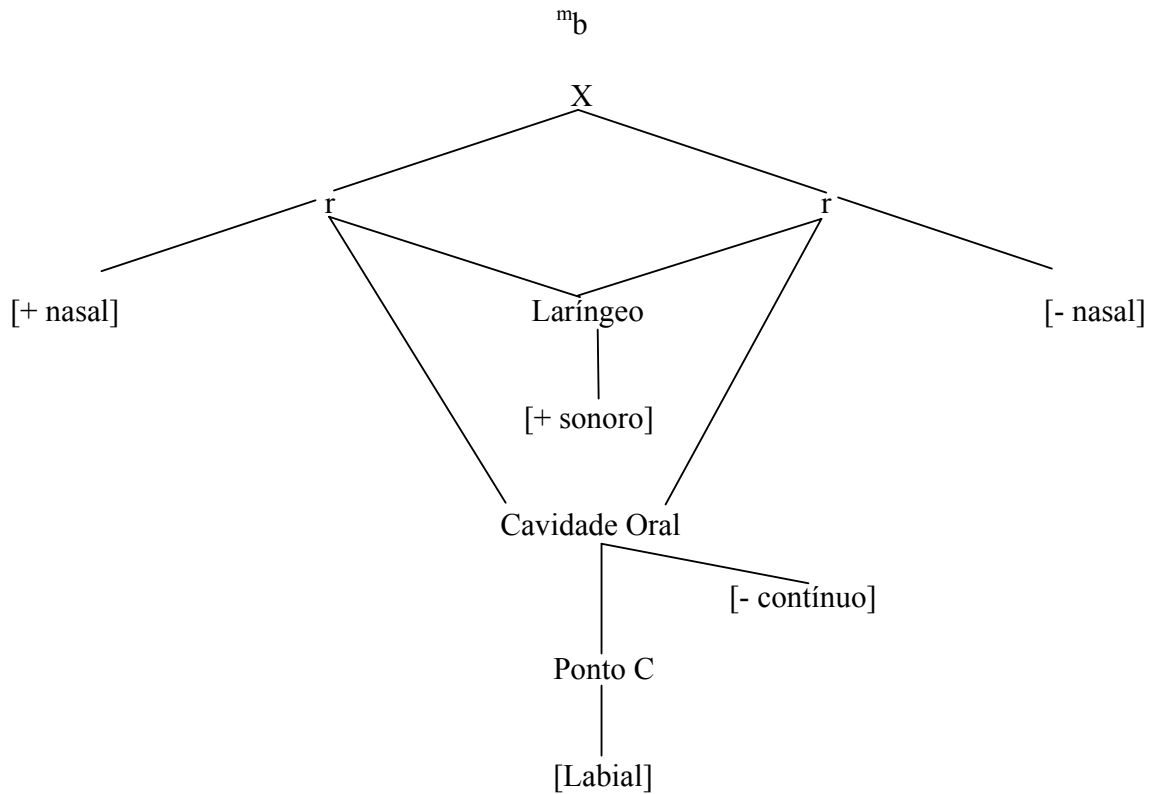
diferentes, uma maior e outra menor, é o que ocorre, segundo Clements e Hume (1995, p.287) com os mais comuns tipos de articulação secundária, como labialização, palatalização e velarização que são implementadas pelos pertinentes traços vocálicos. Vejamos a representação da fricativa palatal:

(06)



Um segmento é de contorno quando contém seqüências, ou contornos, de diferentes traços. Segundo Clements e Hume (1995, p. 254), a clássica motivação para o reconhecimento dos segmentos de contorno é a existência de “efeitos fonológicos de borda”, a partir dos quais um segmento pode comportar-se, em relação aos segmentos vizinhos de uma borda, conforme o valor (+) de um traço, e, em relação aos segmentos vizinhos da outra borda, pode comportar-se conforme o valor (-) do mesmo traço. Candidatos naturais para este tipo de segmento são as consoantes africadas e as plosivas pré e pós-nasalizadas. Vejamos a representação de uma pré nasalizada, extraída de Hernanderona (2001, p.63):

(07)



### 6.3.2- Princípios basilares

Apresentamos, neste ponto, três princípios que servem de base para a proposta da Geometria dos Traços.

#### 6.3.2.1- NCC – No-Crossing Constraint - Princípio de não-cruzamento de linhas de associação

Proibição do cruzamento de linhas de associação. Este princípio funciona como uma condição de boa formação, bloqueando qualquer regra que possa viola-

lo. Seguindo tal princípio, é permitida a representação “a”, mas não a “b”, extraída de Clements e Hume (1995, p. 266):

(08)



### 6.3.2.2- OCP – Obligatory Contour Principle – Princípio do Contorno Obrigatório

Esse princípio foi proposto por Leben (1973, Apud Hora, 2000, p.37) com o intuito de resolver problemas tonais. Mais tarde, sendo entendido para os segmentos por McCarthy (1986, Apud Hernanderona, 2001, p.65), nos termos em que elementos adjacentes idênticos são proibidos. Seguindo tal raciocínio, entende-se que não só segmentos adjacentes idênticos, como também traços ou nó adjacentes idênticos em um dado *tier*, são proibidos.

Uma consequência direta do OCP, segundo Clements e Hume (1995, p.262), é a de que um processo dissimilatório de apagamento é preferido como forma de eliminar violações a este princípio.

### 6.3.2.3- LC – Linking Constraint – Restrição de Ligação

As linhas de associação em descrições estruturais são interpretadas exhaustivamente, segundo Hayes (1986, p.331, Apud Hernanderona, 2001, p.66).essa restrição limita a aplicação de uma regra à forma que nela é representada, de forma que, se contiver apenas uma linha de associação, fica bloqueada em contextos de ligação dupla ou vice-versa. Conseqüentemente, esse princípio prediz que toda regra se aplicará somente a

configurações que contenham o número de linhas de associação especificadas por sua descrição estrutural.

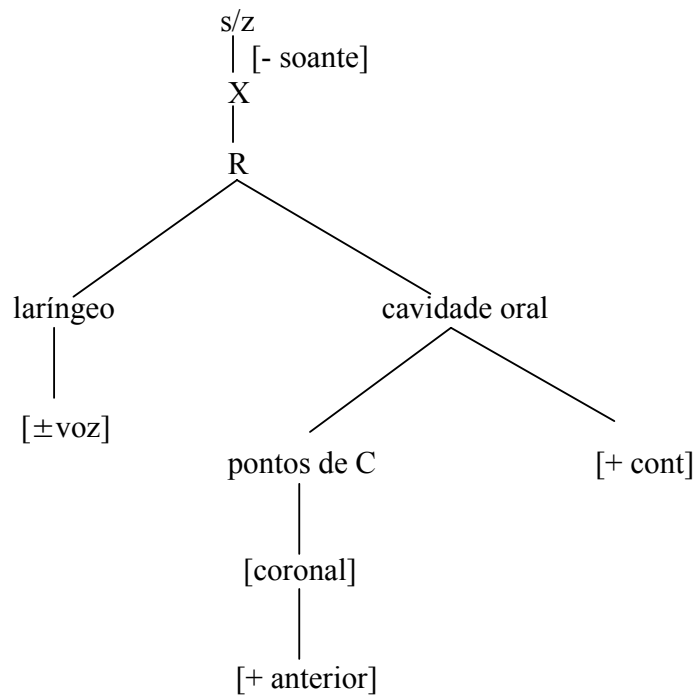
### 6.3.3- A representação palatal do segmento em estudo

O presente estudo apresenta a ocorrência de dois principais grupos de variantes em concorrência em posição de coda silábica – as fricativas alveolares [ s, z ], as chamadas sibilantes, e as fricativas palatais [ ʃ, ʒ ], as chiantes. Ambas possuem diferenciadas representações dentro da teoria da Geometria dos Traços, uma vez que possuem diferenciadas articulações.

As fricativas alveolares são consoantes simples que envolvem apenas a atuação do traço [coronal] e de seu dependente [+ anterior], diferenciando-se entre si apenas com relação ao traço [voz], sob o nó laríngeo.

Vejamus então suas representações:

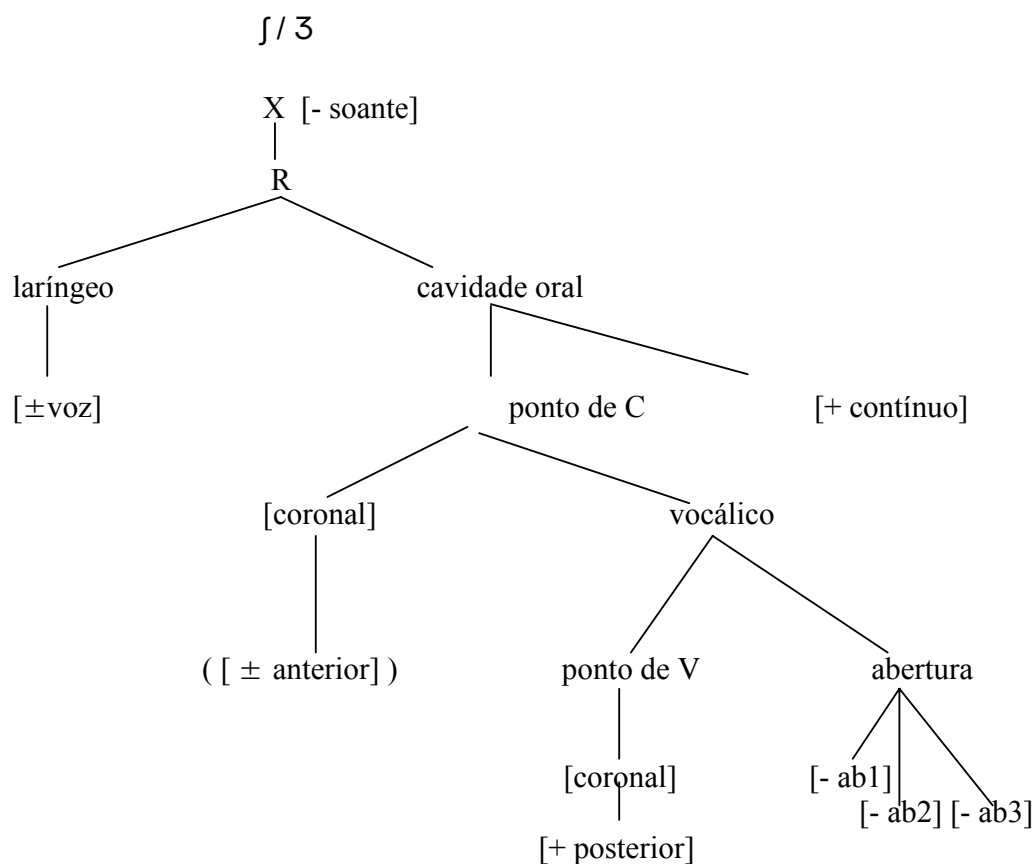
(09)



As fricativas palatais são consoantes complexas, uma vez que envolvem mais de um traço de articulação oral. Observa-se que a atuação do dorso da língua, na produção de [ʃ, ʒ], aproxima-se, em termos articulatórios, da atuação do mesmo na produção da vogal alta [i], ou seja, ambas as articulações envolvem o levantamento da língua em direção ao palato duro. Por esta razão diz-se que as fricativas palatais são consoantes que possuem duas articulações sobrepostas, uma maior, primária, envolvendo o traço [coronal] e seu dependente [- anterior] e uma articulação menor, secundária, vocálica envolvendo, portanto, o nó *Pontos de Vogal* sob o nó vocálico e o nó de abertura que tem como dependentes os traços [- aberto 1, - aberto 2 e, - aberto 3], os quais caracterizam a vogal alta. As chiantes também diferem entre si apenas pelo traço [voz] sob o nó laríngeo.

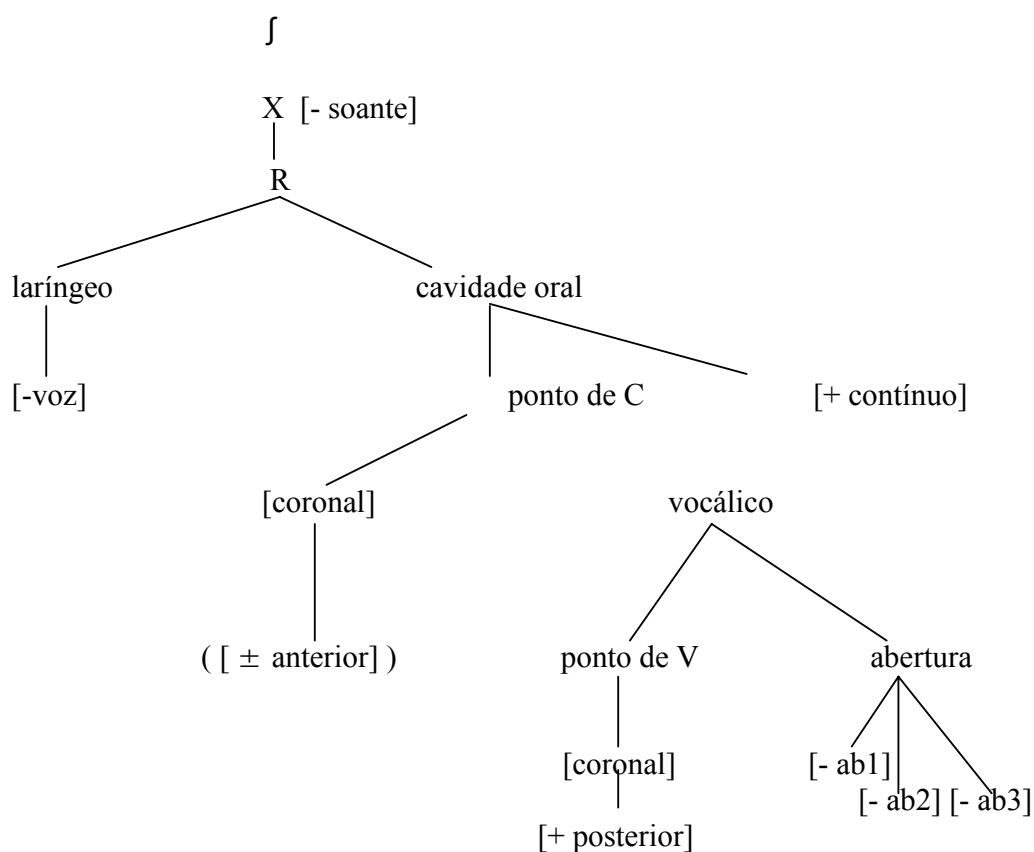
Vejam, pois, suas representações:

(10)



As representações efetuadas neste item levam-nos a concluir que a competição entre alveolares e palatais traduz-se, basicamente, na presença ou ausência do nó vocálico. A ausência do nó vocálico caracteriza as fricativas alveolares, consoantes simples, enquanto que a presença do nó vocálico, realizada pela ligação do mesmo ao nó pontos de consoante, caracteriza a as fricativas palatais, consoantes complexas. Conforme podemos observar na representação abaixo:

(11)



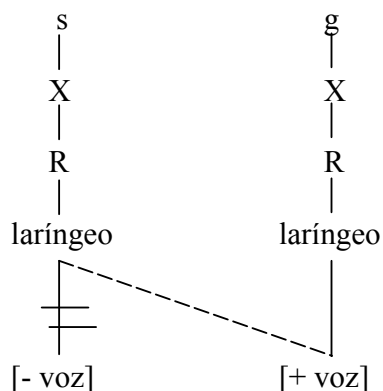
Quanto ao processo de distinção entre as alveolares, como também entre as palatais, trata-se de um fenômeno de assimilação parcial, para usar a terminologia utilizada por Clements e Hume (1995, p. 257-261), que depende exclusivamente do



contexto fonológico seguinte, ou seja, há um processo de assimilação do traço [voz], localizado no nó laríngeo, de um segmento [+ voz] em contexto seguinte ao da fricativa alveolar ou palatal, caracterizada pelo traço [- voz] sob o nó laríngeo em sua representação. Vale salientar que quando o segmento seguinte é uma vogal, há uma forte tendência à ressilabificação, deixando, então, sua posição de coda silábica para a posição de *onset*, no entanto não nos deteremos neste caminho uma vez que foge ao nosso principal objetivo neste trabalho.

Vejamos a representação seguinte que demonstra o processo de assimilação regressiva em questão, demonstrando o espriamento do traço [+ voz] do segmento seguinte e o conseqüente desligamento do traço [- voz] da fricativa alveolar ou palatal.

(12)



## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar categoricamente que a palatalização da coronal anterior em posição de coda silábica é marca do falar recifense, afinal tivemos uma frequência de 76% em nossa análise de uma amostra de 3.911 vocábulos selecionados de 12 inquiridos do tipo DID, o que só veio corroborar com o estudo realizado por Callou & Marques (1996) que, numa análise de cinco inquiridos também do tipo DID, constataram uma frequência de 69.5% de realização palatal.

Gostaríamos, inclusive, de ressaltar que em todas as variáveis analisadas, seja lingüística ou extralingüística, houve a supremacia da realização palatal.

As variáveis mais relevantes para a produção palatal foram, em ordem decrescente:

1. sexo;
2. contexto fonológico seguinte;
3. traço de sonoridade do contexto seguinte;
4. faixa etária;
5. Posição da sílaba.

As duas variáveis sociais em estudo, foram selecionadas como relevantes estatisticamente pelo programa. Inclusive a variável Sexo foi apontada como a mais relevante para a produção palatal, superando todas as variáveis lingüísticas em questão. Tal fato aponta para uma questão extremamente importante: a palatalização parece ser um fenômeno absolutamente internalizado pelo falante recifense, uma vez que realiza como palatal o fonema /s/ independentemente de qualquer condicionamento.

A predominância das mulheres na palatalização da coronal anterior em posição de coda, chegando a uma frequência de 92% e peso relativo de .75, no referente aa variável social sexo, confirma a nossa hipótese de que a mulher faz maior uso de variantes prestigiadas, bem como corrobora com a constatação da maioria dos estudos que analisam

esta variável social, conforme pudemos observar nos estudos mencionados ao longo deste trabalho.

Na análise da variável Faixa Etária, selecionada como a quarta mais relevante, constatamos que a maior incidência de palatal está na 2ª faixa etária, o que não comprova a nossa hipótese de que os mais jovens fariam maior uso dessa variante, diferindo das constatações obtidas por várias pesquisas referidas no corpo do presente estudo.

Quanto às variáveis lingüísticas estatisticamente mais favorecedoras da palatalização da coronal anterior em coda silábica no falar em questão foram, em ordem de relevância:

- Contexto fonológico seguinte
- Traço de sonoridade do contexto seguinte
- Posição da sílaba

Analisando a variável Contexto Fonológico Seguinte, constatamos que, embora a palatal tenha obtido maior frequência que a alveolar em todos os contextos, o que comprovou nossa hipótese, o contexto mais propício para a palatalização é o das coronais que obteve uma frequência de 88% e peso relativo de .67.

Analisando a variável Traço [voz] observamos que os segmentos [-voz] em contexto seguinte surgem como os que mais propiciam a produção do fenômeno em estudo, o que constatou mais uma de nossas hipóteses.

Na análise da variável Posição da sílaba, constatamos que a posição de coda interna confirma-se, conforme supúnhamos, como a maior favorecedora da palatalização da coronal anterior em posição de coda.

As demais variáveis lingüísticas, a saber, Tonicidade, Categoria Gramatical e Contexto Fonológico Antecedente, foram selecionadas, numa análise *step*

*down* pelo programam VARB2000, como não-relevantes estatisticamente para a palatalização. Embora, como já dito, tenha havido a supremacia da realização palatal em todas as variáveis analisadas.

Partindo de uma representação fonológica com base na teoria pós-gerativa Autossegmental (Clements e Hume, 1995), enxergamos o fenômeno em questão como fruto da competição entre duas variantes: a coronal [+ant] e a coronal [-ant], ou seja, a fricativa alveolar e a fricativa palatal, sendo que, conforme os dados analisados neste trabalho, a vencedora é a última. Tal competição traduz-se na ausência ou presença, na representação, do nó vocálico sob o nó pontos de C. Na produção desta última temos a presença do nó vocálico, expressando uma articulação secundária vocálica.

Ressaltamos que, diante dos dados, seria impossível sustentar a afirmação de que haveria um espriamento do traço coronal da vogal em contexto precedente uma vez que a palatalização não ocorre apenas depois das vogais possuidoras deste traço, como também das vogais dorsais e labiais, conforme salientamos em 5.2.2.6.

Entendemos que a palatalização da coronal anterior em posição de coda no falar recifense, no universo pesquisado, é um fato bastante concreto, indicando, inclusive uma variação estável. Teríamos, na verdade que realizar um estudo atualmente a fim de verificarmos o quadro hoje existente e comparar com o demonstrado neste trabalho. Tal supremacia da realização palatal nos leva a pensar que se pudéssemos falar em fonologia do falar recifense, certamente teríamos a palatal como forte candidata ao status de fonema.

Embora a presente pesquisa constitua apenas um estudo introdutório acerca do fenômeno da palatalização da coronal em posição de coda no falar recifense, esperamos que esta venha a contribuir para um melhor conhecimento do português brasileiro.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Bernadete & WETZELS, W. Leo (Orgs). **Fonologia do Português**. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas: UNICAMP, jul./dez.1992

ALKMIN, Tânia Maria. **Sociolingüística**. In MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Cristina. (Orgs.) **Introdução à Lingüística**. (v.1). São Paulo: Cortez, 2001.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Análise fonético-fonológica do falar paraibano**. João Pessoa: EDUFPB, 1977.

BHAT, D.N. **A general study of palatalization**. In: GREENBERG, J.S. (Ed). **Universals of human language**. Califórnia: Stanford University Press. P.47-92. (Phonology, v.2). Apud BRESCANCINI, C. R. **A palatalização da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano: variáveis lingüísticas**. 2002. In: HORA, D. & COLLISCHONN, G.. (Orgs.) **Teoria Lingüística: Fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

BISOL, Leda (Org.). **Introdução aos estudos da Fonologia do Português**. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

\_\_\_\_\_ & BRESCANCINI, Cláudia. (Orgs.) **Fonologia e Variação:Recortes do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BLOCH, B. **Phonemic Overlapping**. American Speech, 16, pp. 278-284, 1941. Apud CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. **Iniciação à Fonética e Fonologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BRAM, Joseph. **Linguagem e Sociedade**. Apud MONTEIRO, José de Lemos. **Para Compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis – uma abordagem não-linear.** Florianópolis: Dissertação de Mestrado, 1996.

\_\_\_\_\_. **A palatalização da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano: variáveis lingüísticas.** 2002. In: HORA, Dermeval da & COLLISCHONN G.. (Orgs.) **Teoria Lingüística: Fonologia e outros temas.** João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

BRIGHT, William. **As Dimensões da Sociolingüística.** In: FONSECA, M. S. & NEVES, M. F. (orgs.). **Sociolingüística.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise Fonológica.** Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CALLOU, Dinah & MORAES. **A norma de pronúncia do S e R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais.** In: CARDOSO, S.A.M. **Diversidade Lingüística e Ensino.** Salvador: EDUFBA, 1996.

\_\_\_\_\_ *et al.* **Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real.** DELTA (Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada). São Paulo, 14: 61-72, 1998.

\_\_\_\_\_ & LEITE, Yonne. **Iniciação à Fonética e Fonologia.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA Jr. Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 1970.

\_\_\_\_\_. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CANOVAS, M<sup>a</sup> Irene F. **Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /v, z, / cabeças de sílaba na fala de Salvador**. In: CARDOSO, S.A.M. **Diversidade Linguística e Ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996.

CARDOSO, Suzana Alice M. **Diversidade Linguística e Ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996.

CHOMSKY, Noam e HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper and Row, 1968.

CLEMENTS, G.N. **The Geometry of Phonological Features**. *Phonology Year-book*, London, n.2, pp.225-252, 1985. Apud HERNANDERONA, Carmen Lúcia Matzenauer. **Introdução à Teoria fonológica**. In BISOL, Leda (Org.). **Introdução aos estudos da Fonologia do Português**. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

\_\_\_\_\_. **A unified set of features for consonants and vowels**. Cornell University, 1989. Apud HERNANDERONA, Carmen Lúcia Matzenauer. **Introdução à Teoria fonológica**. In BISOL, Leda (Org.). **Introdução aos estudos da Fonologia do Português**. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

\_\_\_\_\_. **The role of the sonority cycle in core syllabification**. In: KINGSTON, J., BECKMAN, M. (orgs.) **Papers in laboratory phonology 1**. Cambridge: CUP, p. 283-333, 1990. Apud CLEMENTS, G.N. & HUME, Elizabeth V. **The internal organization of speech sound**. In: GOLDSMITH, J. **The handbook of phonological theory**. Oxford: Blackwell, 1995.

\_\_\_\_\_. **Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory.** Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory, n. 5, 1991. Apud HERNANDERONA, Carmen Lúcia Matzenauer. **Introdução à Teoria fonológica.** In BISOL, Leda (Org.). **Introdução aos estudos da Fonologia do Português.** 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

\_\_\_\_\_. & HUME, Elizabeth V. **The internal organization of speech sound.** In: GOLDSMITH, J. **The handbook of phonological theory.** Oxford: Blackwell, 1995.

CORRÊA, Cíntia da Costa. **Focalização dialetal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do /s/ pós-vocálico.** Dissertação de Mestrado, UnB: DF, 1998. Apud HORA, Dermeval da. **Fonética-Fonologia: A Gramaticalização dos Processos Fonéticos.** Relatório Final de Pós-Doutoramento. Amsterdam: Vrije Universiteit, 2000.

FIGUEROA, Esther. **Sociolinguistic Methateory.** *Language & Communication Library* (V.14). Great Britain: Pergamon, 1994.

FERREIRA, Carlota e CARDOSO, Suzana. **A Dialetoлогия no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994

FONSECA, M.S.V. e NEVES, M.F. **Sociolingüística.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.  
GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder.** São Paulo: Martins Fonte, 1991.

GRYNER, Helena e MACEDO, Alzira. **La Pronunciation du S post-vocalique: deux processus de changement linguistique em portugais.** In: SANKOFF, David & CENDERGREEN, Henrietta (eds.). **Vriation Omnibus.** Canadá: Linguistic Research, p. 135-140, 1981. Apud BRESANCINI, Cláudia Regina. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis – uma abordagem não-linear.** Florianópolis: Dissertação de Mestrado, 1996.



HERNANDERONA, Carmen Lúcia Matzenauer. **Introdução à Teoria fonológica**. In BISOL, Leda (Org.). **Introdução aos estudos da Fonologia do Português**. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

HOCK, Hans H. **Principles of Historical Linguistics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. Apud BRESCANCINI, Cláudia Regina. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis – uma abordagem não-linear**. Florianópolis: Dissertação de Mestrado, 1996.

HORA, Dermeval da. **Fonética-Fonologia: A Gramaticalização dos Processos Fonéticos**. Relatório Final de Pós-Doutoramento. Amsterdam: Vrije Universiteit, 2000.

\_\_\_\_\_ & COLLISCHONN. (Orgs.) **Teoria Lingüística: Fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

JAKOBSON, Roman. **Fonema e Fonologia**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972.

\_\_\_\_\_. *Seis lições sobre o som e o sentido*. Lisboa: Marcos Editores, 1977.

\_\_\_\_\_ & HALLE, Morris. **Fundamentals of Language**. 4ª Ed. New York: Mouton Published, 1980.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Washington: Center for Applied Linguistics, 1996.

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change**. 1994. In MONTEIRO, José de Lemos. **Para Compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistics Patterns**. Philadelphia: U. of Pennsylvania Press, 1972a.

\_\_\_\_\_. **Some principles of Linguistic Methodology.** *In Language and Society*. New York, 1972b.

LYONS, John. **Linguagem e Lingüística: uma introdução.** Rio de Janeiro: L.T.C., 1987.

MALMBERG, B. **A fonética.** Lisboa, Livros do Brasil, 1954

MATEUS, Maria Helena M. **Fonética, Fonologia e Morfologia do Português.** Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

MONTEIRO, José de Lemos. **Para Compreender Labov.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MOTA, Jacyra & ROLLEMBERG, Vera. **Consoantes implosivas no falar baiano.** I Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil. Salvador: UFBA, 1986.

\_\_\_\_\_. **O <s> em coda silábica na norma culta de Salvador.** Rio de Janeiro: UFRJ – Faculdade de Letras, 2002a. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Cap.5.

\_\_\_\_\_. **Variação Fônica no Português do Brasil: o –s em coda silábica.** VI Congresso Nacional de Estudos Lingüísticos e Literários. Salvador: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2002b.

MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Cristina. (Orgs.) **Introdução à Lingüística.** (v.1). São Paulo: Cortez, 2001.

PESSOA, Maria Angélica. **O s pós-vocálico na fala de Natal.** I Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil. Salvador: UFBA, 1986.

ROBINS, R.H. **Lingüística Geral.** Porto Alegre: Globo, 1977.

ROSETTI, A. **Introdução à Fonética.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1974.

SÁ, M. da Piedade Moreira de, CUNHA, Dóris de Arruda C. da, LIMA, Ana Maria e OLIVEIRA Jr., Miguel (Orgs). **A linguagem falada culta na cidade do Recife - Vol. I – DID.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral.** Ed.30. São Paulo: Cultrix, 2001.

SCHANE, Sanford A. **A Fonologia Gerativa.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e & PAIVA, M<sup>a</sup> da Conceição Auxiliadora de. *Visão de conjunto das variáveis sociais.* In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e & SCHERRE, Maria Marta Pereira. (Orgs.) **Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_ & MACEDO, Alzira V.T. **Vriação e Mudança: o caso da pronúncia do s pós-vocálico.** Boletim do II Encontro anual da ABRALIN, 1989. Apud BRESCANCINI, Cláudia Regina. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis – uma abordagem não-linear.** Florianópolis: Dissertação de Mestrado, 1996.

SILVA, Thaís Cristófar da. **Fonética e Fonologia do Português.** Campinas: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **Exercícios de Fonética e Fonologia.** Campinas: Contexto, 2003.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolingüística.** São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_ (Org.). **Fotografias Sociolingüísticas.** Campinas: Contexto, 1989.

FURLAN, Oswaldo A. **Subsistência luso-açoriana na linguagem catarinense.** Rio de Janeiro, UFRJ, Tee de Doutorado, 1982. Apud BRESCANCINI, Cláudia Regina. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis – uma abordagem não-linear.** Florianópolis: Dissertação de Mestrado, 1996.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics, an Introduction.** Apud MONTEIRO, J.L. **Para Compreender Labov.** Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

WEINRICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG , Marvin I. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Lingüística.** 1998 (Tradução da edição de 1968)